

A memória de uma terra prometida

Centro cultural em Frutal - MG

Guilherme Alves de Souza

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS729m Souza, Guilherme Alves de
A memória de uma terra prometida - Centro cultural
em Frutal - MG / Guilherme Alves de Souza. -- São
Carlos, 2023.
80 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Arquitetura. 2. Centro cultural. 3. Memória. 4.
Cinema. 5. Frutal. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



*“Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.*

*Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.”*

Trecho de “A Flor e a náusea”, 1945
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, por acreditarem no poder da educação.
O marceneiro e a dona de casa confiaram que seus filhos poderiam voar alto.
Uma dentista, um engenheiro, um arquiteto. Meu orgulho é justificado.
Obrigado.

Meus irmãos. Rafael, bravo. Monique, realizadora dos sonhos.
Vocês me orgulham. Estamos juntos. Obrigado.

Carol, pela amizade, e por tudo mais.
Muito deste trabalho só foi possível com a sua ajuda.
Nossa jornada só começou.
Muito obrigado por tudo o que foi, e virá.

Leandro, amigo, pela parceria no apartamento e na vida.

Marcela, pelos conselhos e pelas oportunidades.

Thales, meu amor. Obrigado.

Rubens de Paula e Ionei Dutra, que,
cada um à sua maneira, muito contribuíram para este trabalho.

Profa. Camila Camargo, pelo incentivo e cuidado
quando eu mais precisei. Obrigado.

Profa. Máisa Almeida, obrigado
pela atenção e orientação precisa.

Amanda Ruggiero, minha orientadora, minha amiga.
Quero ser um professor tão bom quanto você. Obrigado por tudo.

Também a todos que passaram pela minha vida.
E.M. Alonso de Moraes, E.E. Lauriston Souza (Polivalente), Cursinho SOS,
Universidade de São Paulo, a USP.
A Cidade de Frutal, a Cidade de Araraquara, a Cidade de São Carlos.
Lugares que moldaram meu ser e foram a trajetória do meu sonho.

Também à mim. Só eu sei.

Obrigado.

A Frutal.

Quites.

Guilherme Alves de Souza

**A memória de uma terra prometida
Centro cultural em Frutal - MG**

**Trabalho de Graduação Integrado apresentado ao
Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos
USP - Universidade de São Paulo - Campus São Carlos**

**Orientadora membro da Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP):
Profa. Dra. Maisa Fonseca de Almeida**

**Orientadora coordenadora do Grupo de Temático (GT):
Profa. Dra. Amanda Saba Ruggiero**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Amanda Saba Ruggiero
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Maisa Fonseca de Almeida
Universidade de São Paulo

Fabiana Fernandes Paiva dos Santos
Universidade de São Paulo

Sumário

Resumo	6
Introdução	6
Frutal	7
Frutal, seus cinemas amadores	8
Frutal, seus primeiros cinemas	9
Cine Canaã	10
Rápida Reflexão	18
Frutal, cultura	20
Anteprojeto, diretrizes	22
Anteprojeto, local	23
Referências Projetuais	26
Anteprojeto, programa e dimensionamento	28
Anteprojeto	30
Projeto	40
Referências	79

Resumo

O direito à cultura suscita a necessidade de espaços qualificados para seu exercício. Em Frutal, Minas Gerais, uma cidade com poucos ou inadequados espaços para atividades culturais, a existência de um patrimônio material em desuso e uma densa memória coletiva sobre sua história sugerem a possibilidade de um equipamento cultural que enfrenta a problemática em questão. Neste trabalho, é proposto e detalhado um centro cultural com auditório, salas de aula e de exposição, e oficinas de produção cultural, propondo a concessão à comunidade de um espaço de efervescência cultural para o exercício de seu direito.

Palavras Chave: Arquitetura. Centro cultural. Memória. Cinema. Frutal.

Introdução

Em seu ensaio “O direito à literatura”, o vencedor do prêmio Camões de 1998 Antonio Candido associa a produção artística, à qual se refere em geral como “literatura” (seu campo de trabalho), aos direitos humanos, versando sobre a noção hoje popularmente consolidada de que a arte é um direito. Entretanto, além de trabalhar o tema considerando o acesso à arte como um direito, Candido se aprofunda nas razões pelas quais declara imprescindibilidade da fruição da arte na vida do homem, em análise que resume em dois pontos principais:

“Primeiro, [...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.” (1995, p.188)

A visão de Candido sobre o direito à arte e à cultura traz um aporte importante na compreensão da cultura como instrumento democratizador. Por meio de estímulos aos sentidos, a música, e as artes, em todos os meios em que são empregadas, fornecem novas percepções de mundo ao ouvinte, contribuindo também para torná-lo esteticamente crítico. A arte é também ferramenta de luta na promoção de grupos socialmente marginalizados, e o trabalho de sua matéria no espaço urbano beneficia discursos diversificados.

Desta forma, considera-se imprescindível a existência de estrutura que abrigue processos transformadores por meio da cultura.

Frutal

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística resume a história primordial de Frutal, da fundação de uma igreja até a elevação à cidade

“Antônio de Paula e Silva construiu uma capela dedicada à Nossa Senhora do Carmo, ao redor da qual formou-se um povoado, passagem obrigatória para os que transitavam de São Paulo para Goiás e Mato Grosso. Em seus primórdios, o lugar tinha como atividade econômica fundamental a criação pecuária, sendo que o povoamento da região teve como móvel principal a agropecuária para abastecimento de bandeiras, viajantes e localidades de exploração aurífera. A chegada de numerosas pessoas que se fixaram no povoado favoreceu o seu rápido crescimento, passando à categoria de arraial em 1850. Em 1854, foi incorporado ao município de Uberaba e, em 14 de maio de 1858, elevado à condição de distrito de paz. Em 1885, o distrito foi emancipado e elevado à categoria de vila, denominada Carmo do Frutal, desmembrando-se de Uberaba. Sua elevação à categoria de cidade se deu em 1887.”

Hoje, a cidade tem uma população de 60 mil habitantes (Censo 2021), e sua economia se baseia principalmente na agropecuária, destacando-se a produção de gado de corte, cana de açúcar e abacaxi. No setor industrial, destacam-se a presença de duas grandes usinas produtoras de açúcar e álcool e uma cervejaria que distribui nacionalmente. Turisticamente, a cidade recebe visitantes que procuram opções de lazer associadas ao Rio Grande, represado por hidrelétrica. Institucionalmente, conta com um campus da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) que oferece cursos de graduação.



Vista aérea parcial de Frutal. Imagem: Lucas Victor Skyline.



Frutal em MG. Mapa: Autor.

Igreja da Matriz, cartão-postal da cidade. Imagem: Giselle Oliveira.



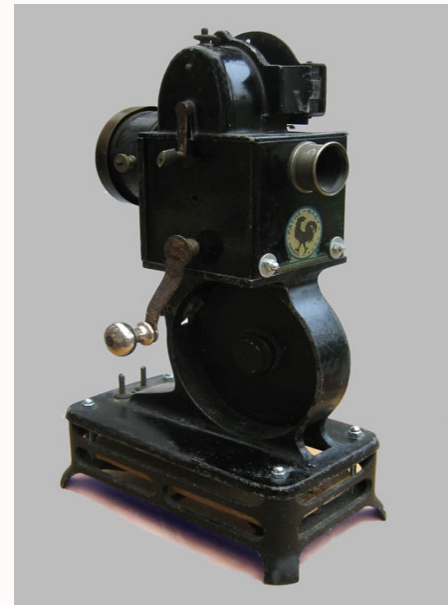
Frutal, seus cinemas amadores

Considerando a invenção da projeção cinematográfica em 1895, a cidade de Frutal experimentou muito cedo em sua história a exibição de cinema.

Antes que estabelecimentos formais de cinema fossem abertos, três experiências de cine amadores agitaram a cidade. A partir de data imprecisa na década de 1910, um mesmo aparelho francês de projeção, comprado por jovens estudantes frutalenses, teve vários proprietários que deram a ele diferentes registros de uso. Seus primeiros donos, irmãos, pouco exibiram a máquina em sua casa, e o venderam a outro cidadão, este preocupado com o desenvolvimento da cidade. Por sua vez, instalou o cinema em um velho casarão, e em 1912 passou a fazer as primeiras exibições “comerciais” da cidade, mas que não passavam de projeções de imagens e vídeos curtos sem enredo, que mais chamavam a atenção pela tecnologia do que por sua arte. Ainda assim, a cultura já se mostrava transformadora da estrutura social da cidade, movendo a população em busca de sua fruição. O cinema era frequentado por todos, desde os cidadãos mais comuns até as figuras mais ilustres. Posteriormente o aparelho foi novamente vendido, e desta vez, uma estrutura maior foi construída para as sessões:

“[...] tinha bancadas laterais [...] e também camarotes. Os chamados camarotes nada mais eram do que bancos de madeira [...] e foram dispostos no meio do salão, dentro de um cercado [...]” (FERREIRA, 2002).

Ainda que este cinema propusesse a uma separação interna de espaços para diferentes públicos, não deixou de ser frequentado por variadas classes sociais, sendo sua história marcada pelo episódio em que um popular, embriagado, na tentativa de atingir um dos algozes retratados na exibição da Paixão de Cristo, atirou contra a tela e quase baleou o projetista, que ficava atrás do palco. Tempos depois, o cinema foi desmontado e levado por seu dono para exibições itinerantes na região.



Um sistema de projeção Pathé Baby, como o usado nas primeiras experiências em Frutal. Imagem: Pantoine.

Frutal, seus primeiros cinemas

Em algum momento entre 1913 e 1914, foi fundado o primeiro estabelecimento comercial de cinema propriamente dito, sem uso de aparelhos amadores, como o das experiências anteriores. O Cinema Morelli foi instalado numa casa existente, e tinha exhibições somente aos domingos, nunca antes das 21h. Como nem todas as noites de domingo contavam com sessões, Ferreira (2002) descreve que o cinema tinha um método eficiente de divulgação: “Quando havia sessão de cinema, o anúncio era feito por um grupo de meninos [...] [que] andavam pelas ruas a gritarem a duas vozes: Hoje tem cinema? Tem sim senhor. Hoje tem cinema? Tem sim senhor”. Como o cinema ainda pertencia à era do cinema mudo, uma orquestra formada por músicos da cidade era responsável pela trilha sonora. A casa ao lado, onde morava o proprietário, dispunha de um quarto para as mães deixarem seus bebês enquanto assistiam as sessões. Estes, quando muito choravam, eram levados para a sala de cinema e ali mesmo amamentados, em costume perdido que só hoje se naturaliza novamente. A maior conexão dessa experiência de mais de cem anos com a atualidade, entretanto, é o comércio adjacente, administrado pela esposa do proprietário. Um botequim se adequava completamente à rotina do cinema, recebendo os espectadores durante o intervalo em que se trocava as fitas das sessões, e vendendo quitutes populares.

Em 1937, um imigrante sírio-libanês inaugura o primeiro cinema falado da cidade. O Cine São José contava com maquinário moderno de projeção, e em 1953 passou por ampliação que melhorou a qualidade do áudio e vídeo das exhibições, além de adicionar um palco que passaria a receber eventos culturais, como uma peça de teatro completamente desenvolvida na cidade.



Frutal no início do século XX. Na casa à direita, o Cinema Morelli. Imagem: Noturna FM Frutal.



Fachada do Cine São José. Imagem: Grupo Frutal de Volta ao Passado

Cine Canaã

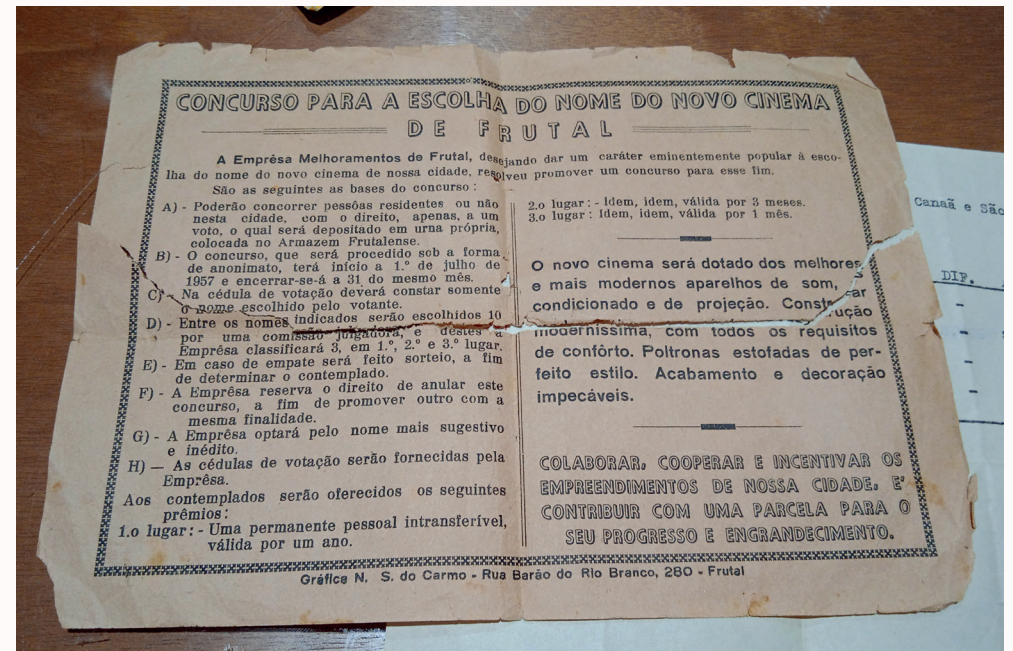
O Cine Canaã, entretanto, elevou o nível da estrutura para cinema na cidade. Otogamiz de Paula Gomes nasceu em Frutal em 1916, e, tendo uma infância marcada pelo trabalho em contribuição à família, aos trinta anos de idade converteu o prêmio de 15 mil réis que ganhou em um jogo de quermesse em seu primeiro negócio, um botequim. Ao longo dos anos, seus negócios se expandiram para postos de gasolina e atividade imobiliária, sem que o empresário se distanciasse das instituições beneficentes da cidade, integrando todas de que se tem registro.

Junto à sua sociedade comercial com outros empresários da cidade, decidiu fundar um moderno cinema. Contou com projeto arquitetônico do escritório paulistano ERG - Engenharia e Comércio Ltda., do qual não se tem maiores informações.

“Em 1957, foi inaugurado o “CINE CANAÃ”, de propriedade da Empresa Melhoramentos de Frutal Ltda. Esse sim, atendeu a todos apreciadores da diversão. Tudo moderno, novo e confortável, construído para oferecer requinte” (LAMOUNIER, 2009)

“[...] o cinema mais moderno de Frutal - o Cine Canaã, com maior capacidade de público, [...] em confortáveis poltronas estofadas, ambiente arejado por exaustores silenciosos, e uma aconchegante sala de espera.” (FERREIRA, 2002)

O nome do cinema veio de concurso público aberto à população, com prêmio de ingressos ilimitados por um ano para o vencedor. O nome escolhido pela empresa foi Cine Canaã, e, ainda que não se saiba exatamente a justificativa da candidatura, a ideia estava perfeitamente alinhada aos ideais da Empresa Melhoramentos de Frutal, organizada justamente no sentido de enxergar na cidade uma terra prometida.



Panfleto de concurso para escolha do nome do novo cinema da cidade. Acervo de Rubens de Paula. Imagem: Autor.



Panfleto de inauguração do Cine Canaã, quando houve exibição do filme americano Alexandre Magno, “num colorido surpreendente”. Acervo de Rubens de Paula. Imagem: Autor.

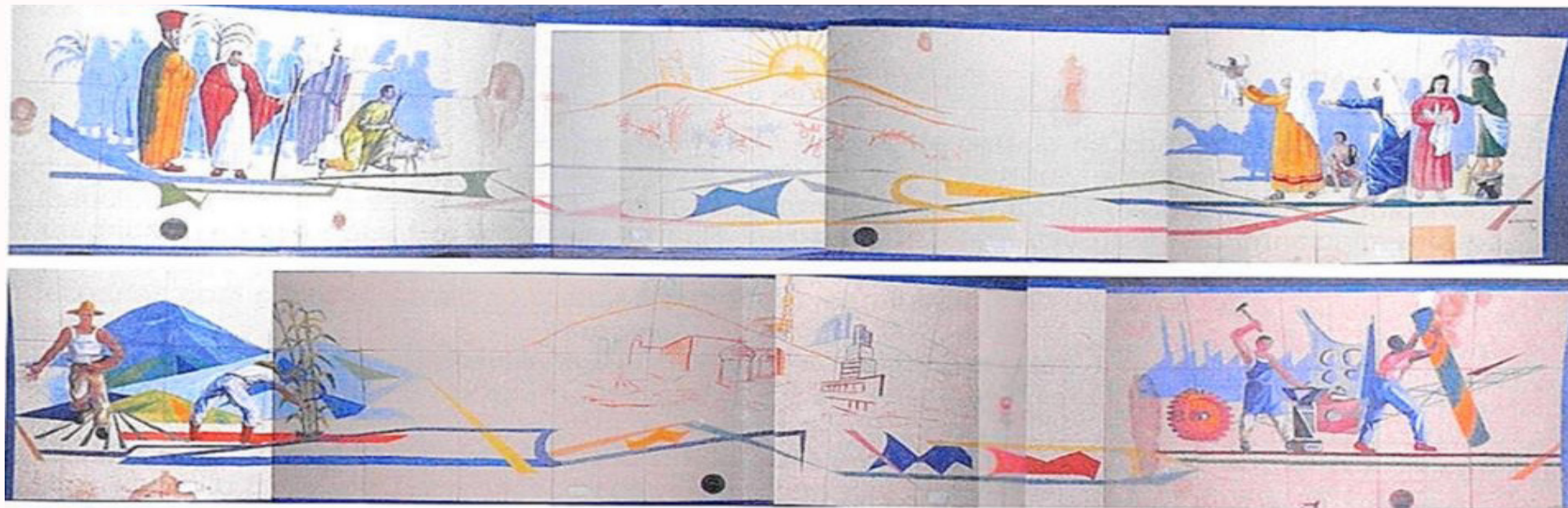


Cine Canaã, com seus “gigantes” modernistas apontando à frente e aos céus. Na calçada, seu fundador, Otogamiz de Paula. Ao fundo, os prédios existentes da cidade denunciam o futurismo do novo cinema. Imagem: Grupo Frutal de Volta ao Passado.

Durante a construção de seu cinema, Orogamiz, em visita à construção de um cinema em Ribeirão Preto - SP, encontrou o pintor italiano radicado no Brasil Bassano Vacarini executando pintura no interior da sala. Naquele momento, contratou o artista para fazer um trabalho semelhante em Frutal. Para o Cine Canaã, Bassano idealizou dois painéis: em um lado do salão, representou a promessa de uma terra, a jornada e a chegada dos judeus em Canaã. Do outro, imagens de uma terra prometida para Frutal, como se trouxesse boas novas: lavradores no trabalho, vagos esboços de uma grande cidade, e uma sólida fábrica em funcionamento.

“As paredes e o teto são revestidos a prova de eco. E ostentam nas laterais superiores dois painéis, do pintor Vacarini, simbolizando o progresso dos Judeus nas terras de Canaã” (FERREIRA, 2002)

Reprodução fotográfica dos painéis de Bassano Vacarini para o Cine Canaã. Imagem: Ionei Dutra.



Cine Canaã em sua forma original e seu público. Acervo de Rubens de Paula. Imagem: Autor.

Recebeu em seu palco grandes nomes da música brasileira, como Roberto Carlos e Ângela Maria, quando o formato de shows de música para público sentado ainda encontrava sucesso entre as classes mais populares no Brasil. Em 1966, a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais imposta pelo Instituto Nacional do Cinema, além da competição com a TV, cada vez mais popular, diminui a audiência do cinema até 1980, quando um empresário frutalense assume a administração do cinema e o faz funcionar duplamente como locadora durante o dia e sala de cinema durante a noite. A experiência dura somente até 1981. Em 2003, por iniciativa de uma rede de cinemas do interior, o cinema é reaberto com novos aparelhos de projeção. Entretanto, a batalha contra o conteúdo para televisão e o vídeo cassete já estava perdida, e em 2005 o cinema foi definitivamente fechado.



Programação do Cine Canaã para Maio de 1959. Panfletos do tipo eram distribuídos mensalmente nos comércios da cidade, que patrocinavam sua impressão em troca de anúncios. Acervo de Rubens de Paula. Imagem: Autor.



Interior do Cine canaã. Imagem: Grupo Frutal de Volta ao Passado



Hall de entrada do Cine canaã. Imagem: Grupo Frutal de Volta ao Passado



Sala de exibição do Cine Canaã lotada. Imagem: Grupo Frutal de Volta ao Passado.



Fachada do Cine Canaã. Neste momento, o pavimento superior já havia sido expandido e parte dos cobogós retirados. Imagem: Grupo Frutal de Volta ao Passado.

EMPRESA MELHORAMENTOS DE FRUTAL LIMITADA - Cines Canaã e São José

ÍNDICE DE FREQUÊNCIA:

	Frequência:	Ano	mês	Dia	DIF.	Ano	mês
1965		190.732	15.894	529	-	-	-
1966		182.706	15.225	507	-	8.026	669
1967		179.997	14.999	499	-	2.709	226
1968		168.975	14.081	469	-	11.022	981

Dados de frequência conjunta de espectadores dos Cines Canaã e São José (englobado pela empresa que fundou o Cine Canaã), entre 1965 e 1966. Nesta época, a população da cidade era de aproximadamente 25 mil habitantes (IBGE). Acervo Rubens de Paula.

Imagem: Autor.

Em momento desconhecido, seu pavimento superior, que abrigava a sala de projeção, foi expandido, e hoje abriga um escritório de contabilidade. O pavimento térreo também passou a ser alugado a comércios, e manteve-se somente uma das passagens lateral como acesso à sala de exibição.

Por volta de 2005, enquanto o espaço era ocupado pelas Oficinas de Artes Yara Lins (adiante), o Cine passou por uma tentativa de tombamento, conduzida pelo arquiteto frutalense Ionei Dutra e um grupo de artistas. Eles alegavam deterioração e falta de conservação, sobretudo dos painéis pintados por Vaccarini. Rubens de Paula, filho do fundador do Cine, se opôs fortemente à tentativa, alegando que um bem de propriedade de sua família passaria à tutela do poder público, que nada faria concretamente para preservá-lo. Percebe-se em conversas com interlocutores dos dois maiores envolvidos que a tentativa de tombamento foi traumática para ambas as partes, que partiam de entendimentos diferentes sobre o patrimônio em questão e expectativas diferentes em relação à participação do poder público na conservação do equipamento.

Em tentativa de apaziguamento do conflito e desistência do grupo favorável ao tombamento, a família proprietária do prédio concordou em doar os painéis de Vaccarini em troca do fim da disputa, mas isso não ocorreu. A prefeitura recebeu e armazenou os painéis, mas a batalha judicial prosseguiu. Antevendo que não haveria possível desfecho produtivo para o prédio do cinema, Rubens ordenou e participou do desmonte do salão, que já dava sinais de um desabamento próximo: os arcos já selavam perigosamente, e uma infestação de cupins corroía as bases da estrutura. Documentando cada passo da demolição, e certificando-se de registrar os perigos que o salão oferecia a seus ocupantes, o auditório foi desmontado, e as cadeiras doadas.



Cine Canaã em 2018. Os marcantes gigantes do cinema influenciaram construções na cidade, como o prédio ao lado, mas os originais foram demolidos Imagem: Google Maps.

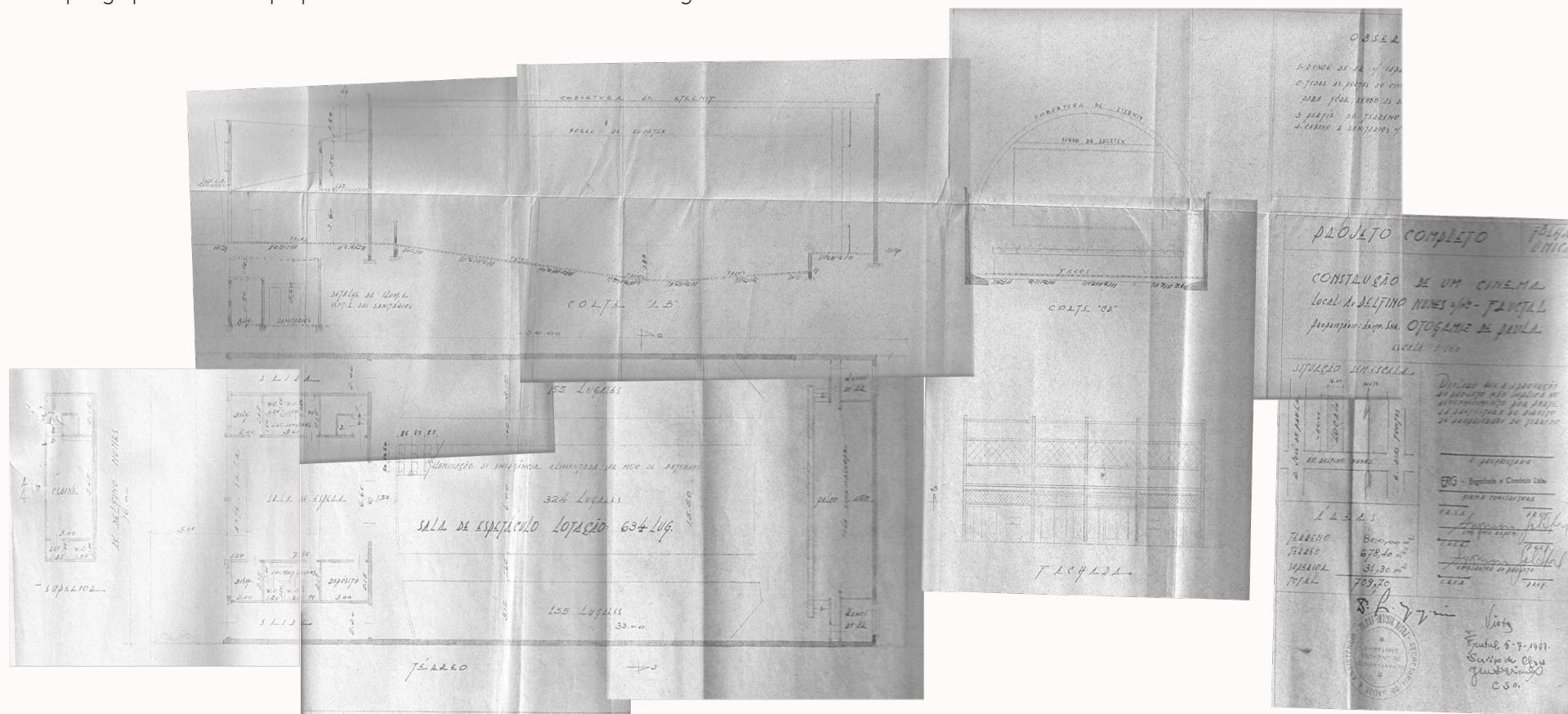


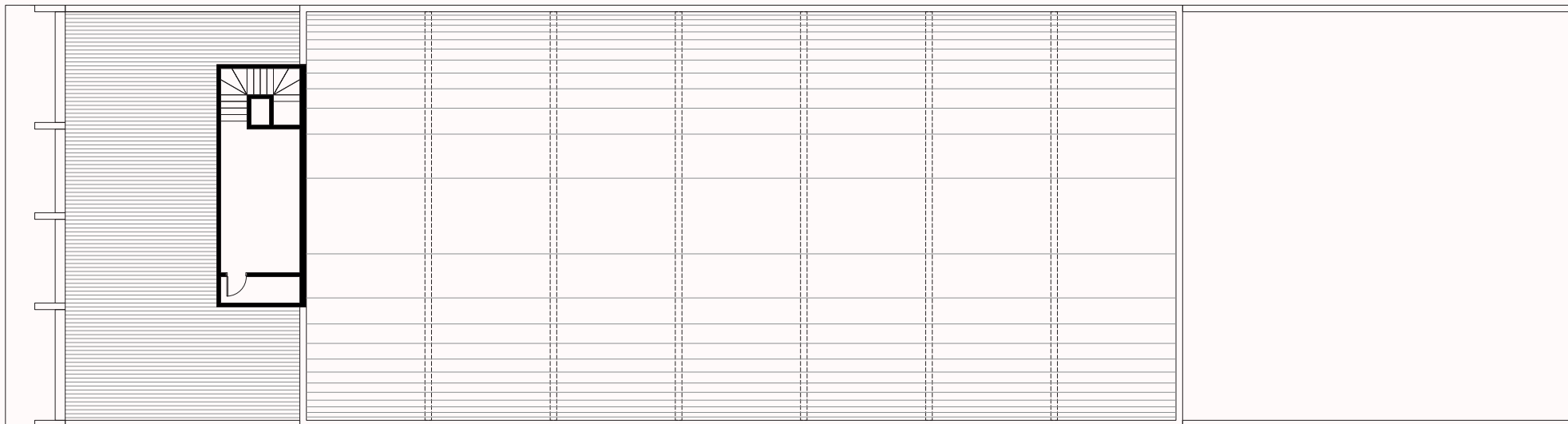
Reconstrução fotográfica dos painéis de Bassano Vaccarini, feita por ocasião da tentativa de tombamento. Neste momento já apresentam sinais de degradação Imagens: Ionei Dutra.

Para este trabalho, a reconstrução dos desenhos técnicos originais do prédio do cinema, tendo em vista a habituação ao programa original e à morfologia do local combinou consulta aos desenhos originais, reproduzidos or várias fotos de uma mesma prancha, sem completá-la, fotos coletadas no grupo de memória pública coletiva baseado no Facebook “Frutal de volta ao passado”; as enviadas pelo arquiteto Ionei Dutra; e as reproduzidas da coleção do Sr. Rubens, em rápida entrevista na qual parte de seu rico acervo sobre o Cine Canaã esteve brevemente disponível para consulta. Além disso, uma visita ao local forneceu além de insumo fotográfico, uma noção da dimensão do antigo prédio e de sua inserção na quadra.

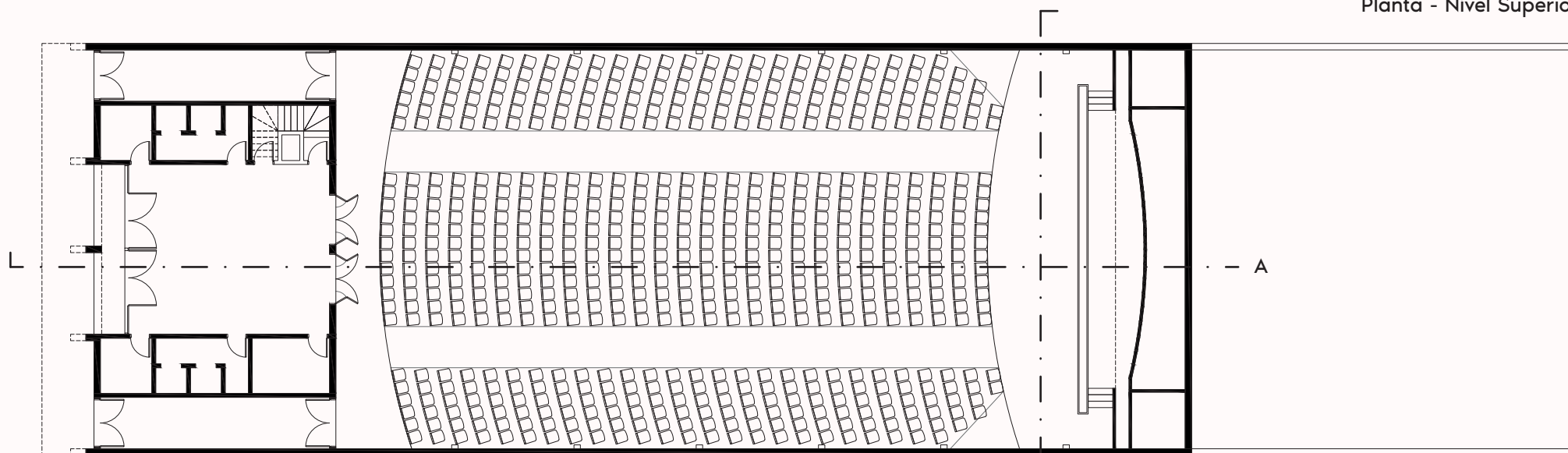
Desenhos do projeto original do Cine Canaã, organizados em reconstrução da prancha. Imagens enviadas por grupo de artistas que promoveram tentativa de tombamento. Imagens: Ionei Dutra.

O cinema original tinha um programa extremamente básico e funcional. Em planta simétrica, um saguão central dividia duas alas de bilheteria, banheiros e depósitos (um destes dividindo espaço com escada para a sala de projeção no pavimento superior). Nas extremidades, corredores de saída que permitiam que o público de diferentes sessões não se misturasse. O salão, com dois corredores, tinha leve declive de 1,80m ao longo de seus 33 metros (incluindo palco). Incrível proposta tecnológica se deu na estrutura de cobertura: arcos de madeira lamelada colada, que só atualmente se populariza no Brasil, foram moldados in loco e apoiados nas laterais do terreno, com amarração subterrânea em ferro, atravessando transversalmente o piso do teatro, para que a abertura dos arcos não aumentasse e a cobertura cedesse.





Planta - Nível Superior

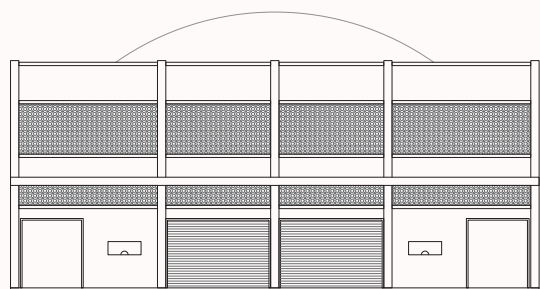


Planta - Nível térreo

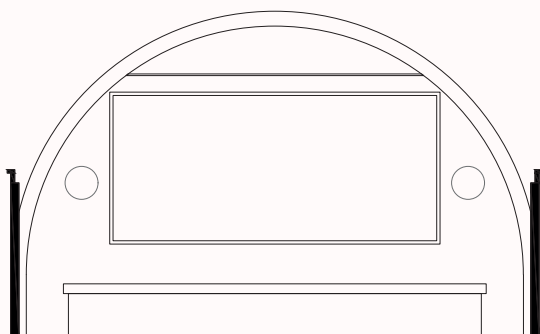
0 1m 10



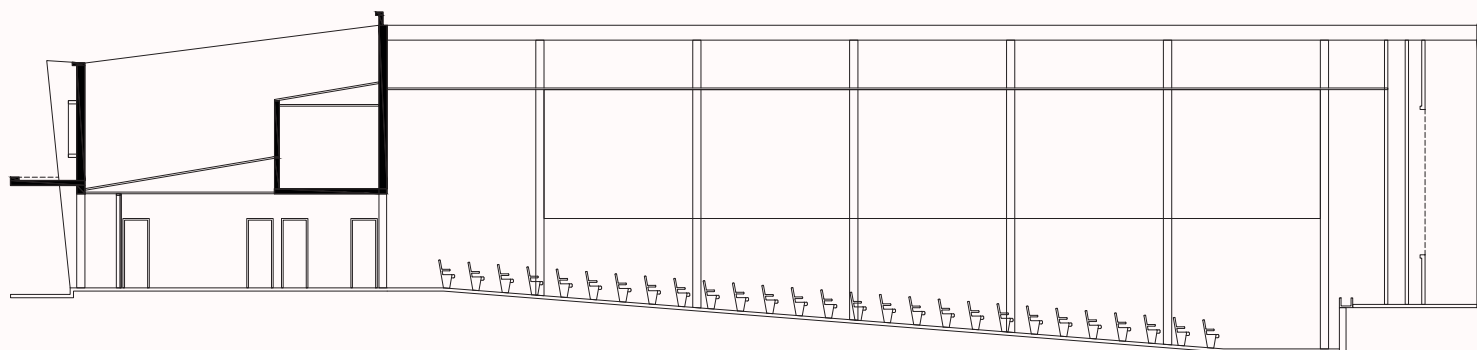
B



Elevação frontal



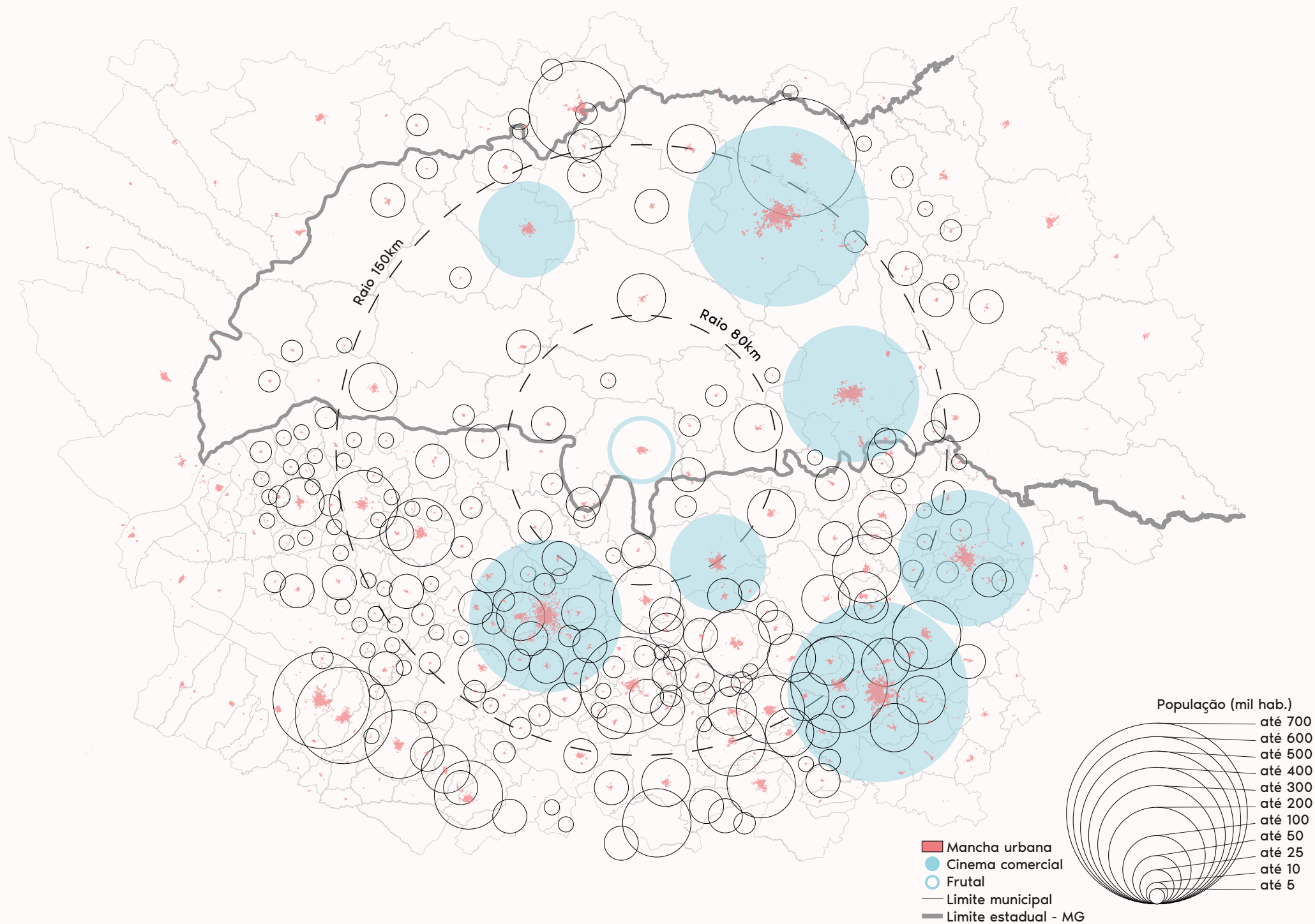
Corte B



Corte A

Rápida reflexão

Reflexo da modernidade de uma comunidade, ou mero exemplo de uma conformação social que no século passado viabilizava cinemas em pequenas cidades, e hoje reserva esse privilégio somente às metrópoles, o fato é que no imaginário da população de Frutal, a prática de frequentar um espaço de lazer e cultura não parte do campo das idealizações, mas da memória, tanto para aqueles que tiveram a oportunidade de frequentar espaços que não mais existem ou funcionam, quanto para aqueles que de qualquer forma entram em contato com essa história.



Frutal, cultura



1. UEMG: A Universidade do Estado de Minas Gerais conta com um auditório com capacidade para 150 pessoas. Ainda que disponibilize o espaço para a comunidade frutalense, seu uso fica restrito aos momentos em que não está atendendo aos eventos da universidade, que tem 1100 alunos matriculados.

2. Alvorada Praia Clube: clube social privado muito tradicional entre as classes mais altas da cidade. Surgiu como um “clube dos brancos”, quando o lazer na cidade era segregado, e a alternativa de lazer para os habitantes negros era o Clube 13 de Maio, já extinto. Conta com grande estrutura desportiva. Seu salão modernista recebe eventos privados e comunitários, mas funciona como qualquer casa de eventos privada, cobrando altas taxas para seu uso.

3. Biblioteca Municipal e Casa da Cultura: instaladas no antigo prédio da Prefeitura Municipal, abriga além de biblioteca e museu da cidade, os escritórios da Secretaria Municipal de Cultura. Por mais que seja pequeno, atende à demandas de resguardar uma pequena coleção de artigos doados, que contam a história da cidade.

4. Praça Ruy Barbosa: Praça que articula as duas alas em 90 graus que compõem o calçadão da cidade, conta tão somente com uma concha acústica sem espaço qualificado para o público. Recebe anualmente a montagem da casa do Papai Noel.

5. Conservatório Municipal João Adriano de Barros: conservatório de música clássica e popular da cidade, homenageia o músico de maior renome na história da cidade, e concede aulas de música para públicos variados. Há anos enfrenta falta de recursos que diminuiu drasticamente a oferta de vagas. Não é um espaço laico, sequer ecumênico, pois por ter surgido da doação de uma propriedade, ainda mantém capela católica como seu único espaço para performances musicais.

6. Parque de Exposições: recebe a tradicional ExpoFrutal, a festa do peão anual da cidade. Conta com arena para rodeios, e espaço para shows que raramente defletem do gênero sertanejo.

7. A.A.B.B.: Associação dos funcionários do Banco do Brasil, conta assim como o Alvorada Praia Clube, além de grande estrutura esportiva, um salão de festas que pode ser fechado para evento privados. Recebe atualmente um forró semanal.

8. A Secretaria de Promoção Humana, promoveu a partir de 2005 cursos de artes plásticas, entre eles pintura, crochet, biscuit e artesanato. Visava principalmente o público de baixa renda da cidade, e atendia em sua grande maioria mulheres, que buscavam cultura, e, em muitos casos, profissionalização. Foi encerrado em 2015, em meio a sucessivas trocas de administração.

9. Centro de Eventos Yara Lins: ligado à maçonaria, recebe eventos privados de grande porte e eventualmente eventos culturais comunitários. Homenageia a atriz frutalense Yara Lins, primeiro rosto a ser transmitido pela televisão aberta brasileira. Abrigou as Oficinas de Artes, que ocupavam estrutura com salas de aula. Hoje esse espaço é alugado à prefeitura e abriga repartições municipais.

As Oficinas de Artes Yara Lins foram um programa desenvolvido pela Maçonaria em Frutal, de responsabilidade de seu braço cultural e beneficente em meados de 2006. Oferecia cursos de dança, música, e artes plásticas. Sua primeira localização foi o próprio Cine Canaã, que cedeu seu espaço até a inauguração do Centro de Eventos Yara Lins. O projeto foi descontinuado em 2010, mas no mesmo ano as oficinas foram reativadas e integraram um programa que articulou a implantação do projeto Cidade das Águas, de responsabilidade da fundação HidroEX, criada pelo governo mineiro em parceria com a UNESCO, que promoveu a instalação, por um rápido período de tempo, de avançados laboratórios de estudo de águas continentais em Frutal, hoje englobados pelo Campus de Frutal da UEMG. Com objetivo de promover consciência social e ambiental entre a população, os cursos de dança tradicional e contemporânea, música, teatro, artes plásticas como desenho e pintura, além de informática ganharam sobrevida. Atendeu em 2011 cerca de 1200 alunos, um número que não pode ter sido absorvido pelo Conservatório Municipal e pela Secretaria de Promoção Humana. Anualmente, organizava espetáculo público em que todas as turmas se apresentavam, no próprio espaço que abrigava as aulas e Centro de Eventos de mesmo nome. O projeto foi terminado definitivamente em 2014.

Anteprojeto, diretrizes

RECUPERAR

A memória do Cine Canaã

Sua forma original, sem se ater à uma reprodução exata

O conceito de um auditório popular

CRIAR

Novos auditórios

Uma escola voltada às artes de performance (música, dança e teatro)

Um centro de memória do Cine Canaã e da história da cultura na cidade

INTEGRAR

Os espaços do auditório, do centro de memória e da escola de artes

O conjunto e o público

O passado e o presente

Anteprojeto, local

Uma rápida visita ao local forneceu insumo fotográfico para entendimento da situação atual do Cine Canaã. Com a demolição de seu salão, somente as paredes laterais e do fundo permaneceram de pé. O palco foi desmantelado. O piso de tacos não resistiu ao sol e à chuva. O declive, muito bem adaptado ao uso como auditório, se manteve. As passagens entre o prédio de administração do cinema e o salão foram fechadas, e uma delas substituídas por janela para o agora pátio, além daquela de serviço que se manteve somente para que não se perdesse o acesso ao local.



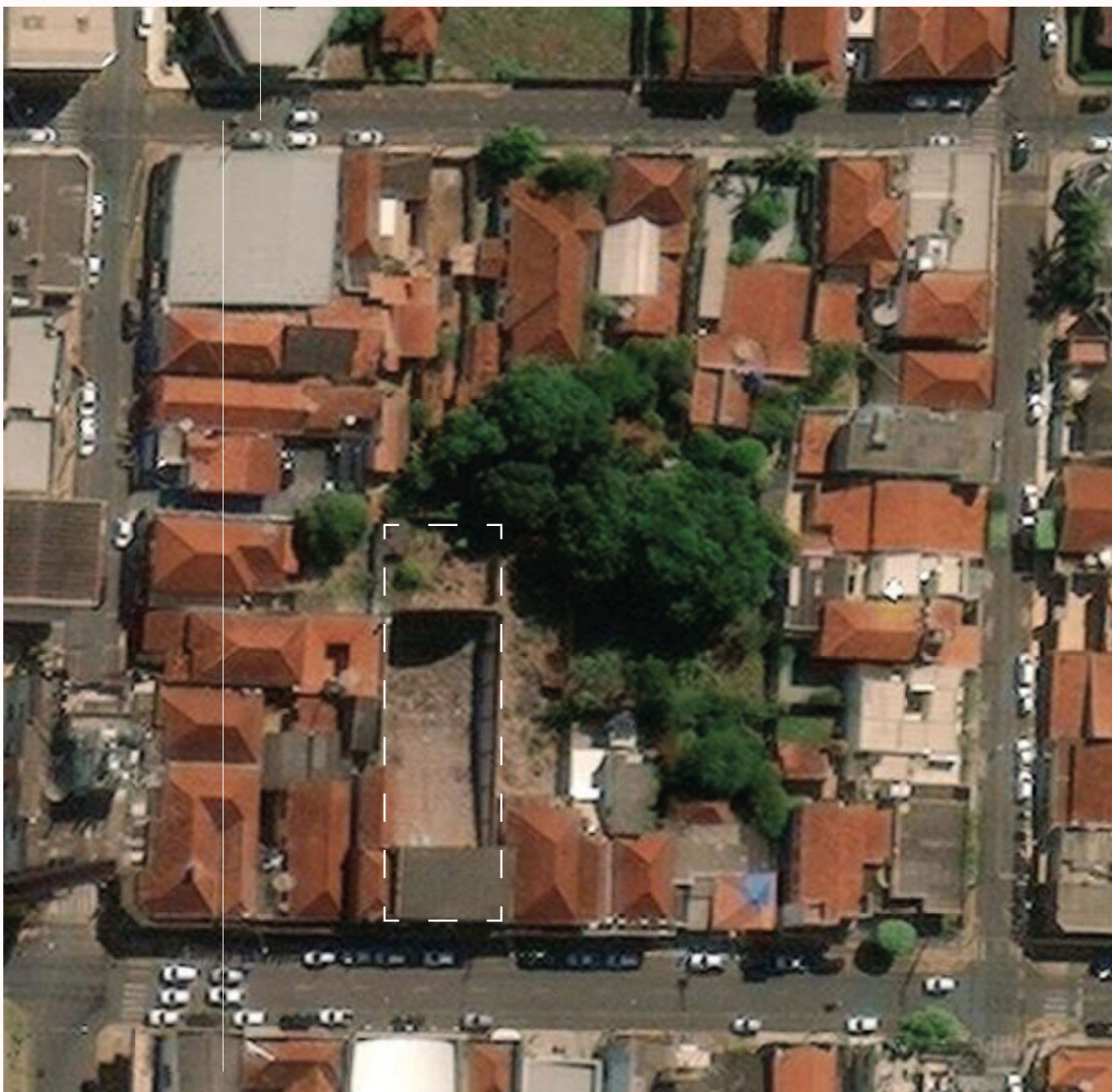
Salão do Cine Canaã. No prédio da antiga administração do cinema, percebe-se a marca da cobertura em arco. O piso está completamente deteriorado. Imagem: Autor



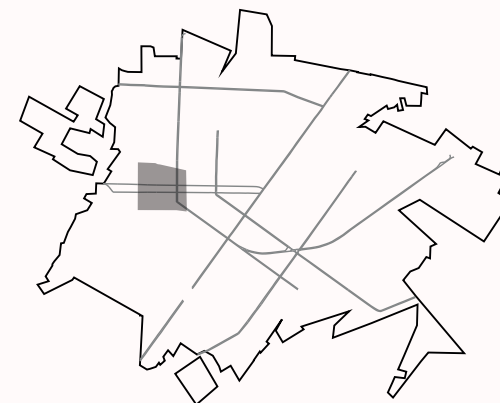
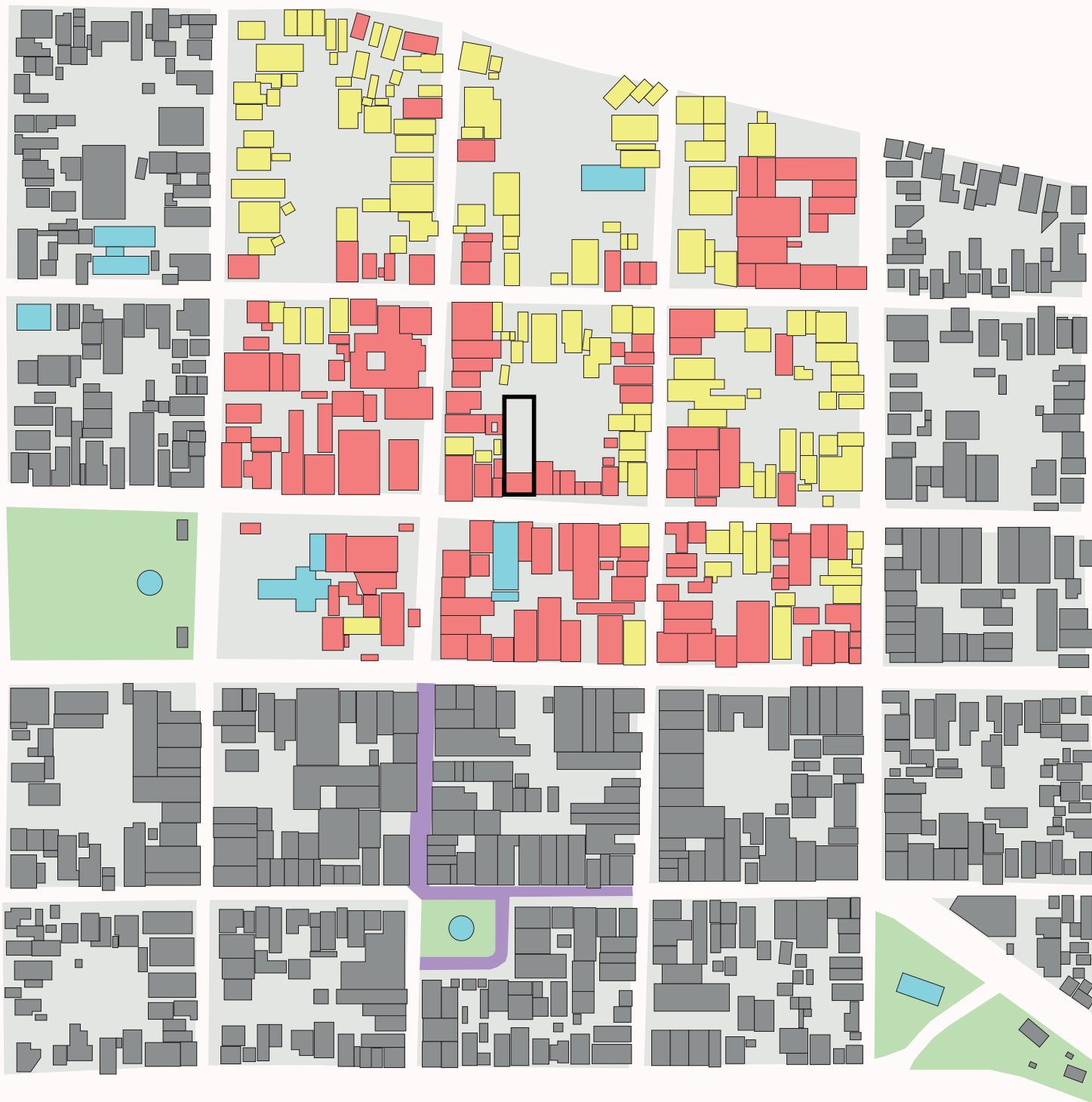
Salão do Cine Canaã. Paredes ao fundo preservam resquícios da pintura preta atrás da tela de projeção. Passagens de ar dos renovadores de ar também aparecem. Imagem: Autor



Fachada do Cine Canaã em 2023. Imagem: Autor



Quadra do Cine Canaã. Em branco, o terreno do cinema. Com o salão demolido, a vista aérea do espaço aparenta um grande “buraco” murado. *Imagem: Bing Maps.*



Uso e ocupação

Quadra

Edificações

Praça

Calçada

Comércio

Residencial

Institucional, religioso,
ou não-lucrativo

Área de interesse

Referências Projetuais

Centro Cultural Moravía, Medellín, Colômbia
Rogelio Salmona, 2005.

No Centro de Desenvolvimento Cultural de Moravia, em Medellín na Colômbia, 150 famílias cederam o espaço de suas casas para a construção de um equipamento que propunha transformar a sua realidade por meio da cultura. Rogelio Salmona, que desenvolveu grande afinidade com a comunidade marginalizada em questão, se atentou a conformar os espaços de acordo com a escala já existente, sem criar uma nova vivência completamente alheia aos modos de vida da população alvo. Ressaltou Madriñán:

“[...] Rogelio queria captar seus ideais estéticos em Moravia, introduzir escalas de acordo com sua habitabilidade, para que seus habitantes tivessem o que lhes foi negado, o que suas vidas precisavam para viver em liberdade.

Queria que a sua arquitetura respondesse às necessidades e desejos dos seus habitantes, abrisse caminho à recuperação dos direitos do cidadão, proporcionasse espaços onde as manifestações culturais fossem possíveis, espaços de liberdade e poesia.”



Centro Cultural Moravía na dimensão urbana. O centro se insere na escala existente, sem criar interrupção no tecido, e facilitando a assimilação da população. Imagem: Fundação Rogelio Salmona



Jovens alunos em frente ao Centro Cultural. Imagem: Alcaldía de Medellín



Auditório do Centro Cultural Moravía. Imagem: Casacol EN

SESC Pompéia, São Paulo, Brasil
Lina Bo, 1982.

No SESC Pompéia, o projeto de Lina Bo, além de recuperar a vitalidade de um espaço abandonado, criou um novo programa de estrutura cultural diversa sem formar cisões entre a linguagem do antigo e do novo trabalhados.

Sua via interna central articula os espaços não culturais, e não desportivos, segundo Lina, mas de lazer por meio do mais tradicional local de efervescência popular da nossa sociedade: a rua. O novo significado e a nova importância deste lugar jamais colocaram de lado o sentido e a tectônica do que ali havia, como lembrado por Marcelo Ferraz, estagiário de Lina no projeto:

“Ninguém nota, ninguém racionaliza – e nem é necessário, mas todos sentem através dos cinco sentidos, a presença da fábrica nas soluções de arquitetura, que ali vai até os mínimos detalhes.”



Entrada do auditório do Sesc Pompéia. Imagem: Paulisson Miura



Entrada do Sesc Pompéia. Imagem: Renato Parada

Anteprojeto, programa e dimensionamento

Para estimar a dimensão dos espaços, leva-se em consideração as duas instituições de ensino de artes que mais fortemente marcaram a história da cidade: as Oficinas de Artes Yara Lins e o Conservatório Municipal João Adriano de Barros. As Oficinas, já extintas, abrigaram em seu auge, diversos cursos tanto em artes performáticas quanto plásticas. A concomitância com os cursos do Conservatório Municipal gerava uma saudável rivalidade entre os alunos, e as apresentações anuais de todos os cursos, organizadas cada uma por sua escola, atraíam grande público. Ainda que o Conservatório permaneça atendendo a comunidade (somente em cursos de música), a extinção das Oficinas de Artes sugere a possibilidade de considerar um contingente considerável na proposta de uma nova Escola de Artes.

Do prédio existente, o bloco de administração e recepção do Cine Canaã, propõe-se recuperar a fachada, buscando recriar a materialidade moderna e futurista imaginada por seus planejadores. Sem assumir um papel de reconstrução, ou uma tentativa de fazer tornar ser o que era, a proposta é retomar materiais e texturas da época, reinstalando o cobogó que formava uma pele intrincada na faixa do segundo pavimento, as portas de entrada e saída, e as aberturas das bilheterias. No térreo, além da estrutura de apoio do auditório fechado, atendendo ao auditório coberto em eventos, propõe-se um espaço a ser concedido a um café, que pode ocupar parte do saguão como um espaço de estar, além de atender aos eventos e à Escola de Artes. Como o segundo andar foi expandido e apresenta segurança estrutural, propõe-se mantê-lo, e ali construir o Centro de Memória dos cinemas e da cultura em Frutal, retomando a história de todas as experiências cinematológicas na cidade.

Para os auditórios, é proposto uma divisão entre dois ambientes distintos. Um deles, fechado, recuperaria o conceito do antigo auditório do Cine Canaã, com público sentado, palco para performances, exposições de cinema, palestras, e eventos sociais variados. Neste, não foi considerada uma reprodução exata das dimensões do auditório original, que abrigava 634 pessoas, mas um tamanho reduzido, condizente com a atual procura por eventos culturais na cidade, levemente potencializada pela proposta.

Um novo espaço para performances seria um auditório ao ar livre, a ser utilizado tanto em eventos com público sentado quanto em shows com público de pé. Para esse espaço, não se descarta o uso da linguagem da estrutura do antigo Cine, com os arcos de madeira lamelada colada se convertendo em estrutura versáteis de iluminação e som.

Evitando-se dimensionar excessivamente, e conseqüentemente criar espaços ociosos e uma estrutura desértica, foi considerada uma escala de aulas semanais para a Escola de Artes, que permite abrigar vários cursos de música, dança e teatro, e suas variáveis de instrumento, modalidade e faixa etária dos estudantes. Desta forma, propõe-se abrigar simultaneamente no máximo três cursos de música (15 alunos), dois de dança (10 alunos), e um de artes cênicas (20 alunos), totalizando seis salas de aula. Como este conjunto de determinações conforma um programa pequeno, as demais dependências, técnicas e administrativas, atendem simplesmente à menor quantidade para cada uso, de acordo com a dimensão da escola, e espaços além desses decorrem da estratégia do projeto. O programa foi imaginado supondo o atendimento em aulas semanais em grupo, eventuais ensaios conjuntos entre turmas, e horários livres para estudo individual ou em pequenos grupos.

Como um complemento aos cursos de artes performáticas, propõe-se um curso de produção cultural, abrigado em um espaço de ensino que una os elementos de produção de cenários, acústica, maquinaria cênica, maquiagem e penteados, etc. Esse curso não só teria papel ativo na integração entre a escola e os auditórios, mas também na própria consolidação de um circuito de produção cultural, com alunos e ex-alunos do curso produzindo ativamente artes e cultura na cidade. Uma estrutura múltipla, aberta à criatividade, à inventividade. Uma Coxia Escola.

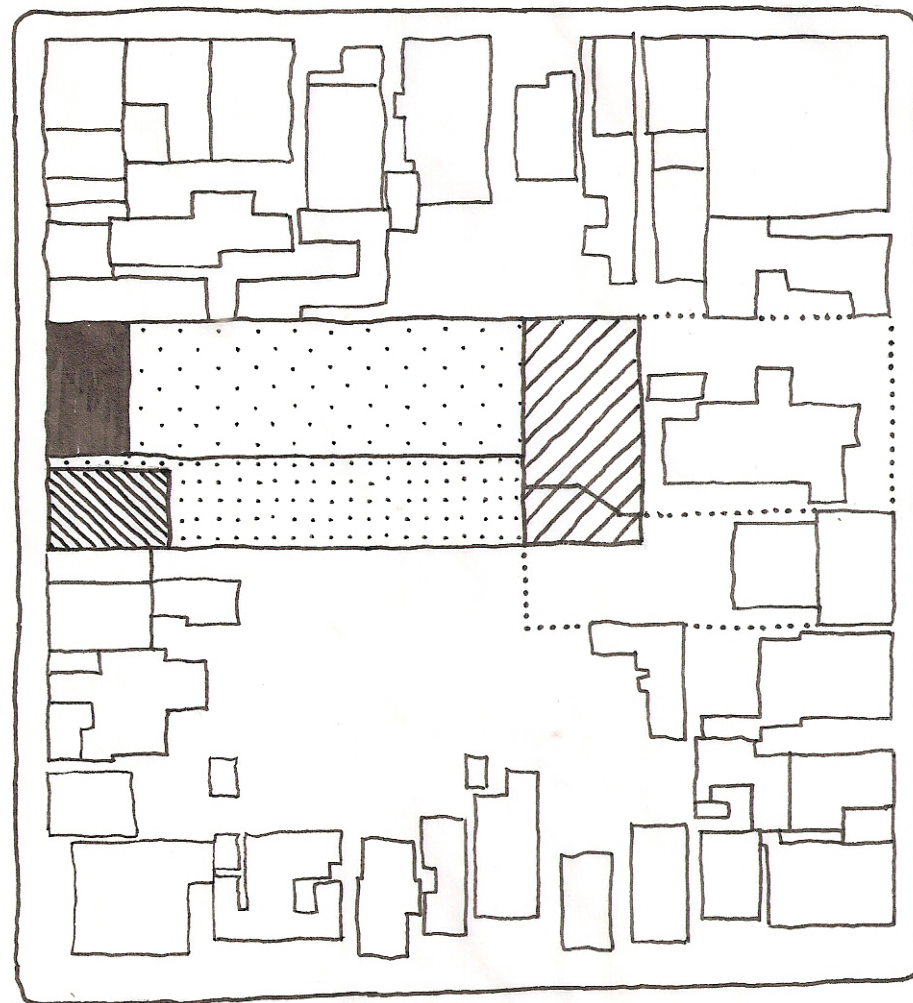
Além da anexação do terreno vizinho, de mesma propriedade, e onde se encontra um prédio comercial sem ligação plástica ao Cine, propõe-se um avanço da divisa do terreno, incorporando fundo de lote não utilizado de duas casas vizinhas, uma delas atualmente desocupada. A seguir, dimensionamento estimado dos novos espaços.

		Quantidade	Área (m²)	Total (m²)
Escola de Artes	Aulas - Música	3	20	60
	Aulas - Dança	2	80	160
	Aulas - Teatro	1	80	80
Administração e serviços	Secretaria	1	10	10
	Saguão	1	50	50
	Banheiros	1	30	30
	Almoxarifado	1	4	4
	Diretoria	1	4	4
	Copa	1	7	7
Estrutura comum	Aulas teóricas	2	80	160
	Salas de estudos	4	10	40
	Circulação	-	15% do total	-

Coxia Escola	Ateliê	2	50	100
	Galpão	1	100	100
	Sala de controle	1	6	6

Auditórios	Auditório fechado	1	450	450
	Auditório aberto	1	500	500
	Sala Multiuso	1	60	60

Anteprojeto



0 10m 50



Prédio existente do cinema



Terreno do cinema



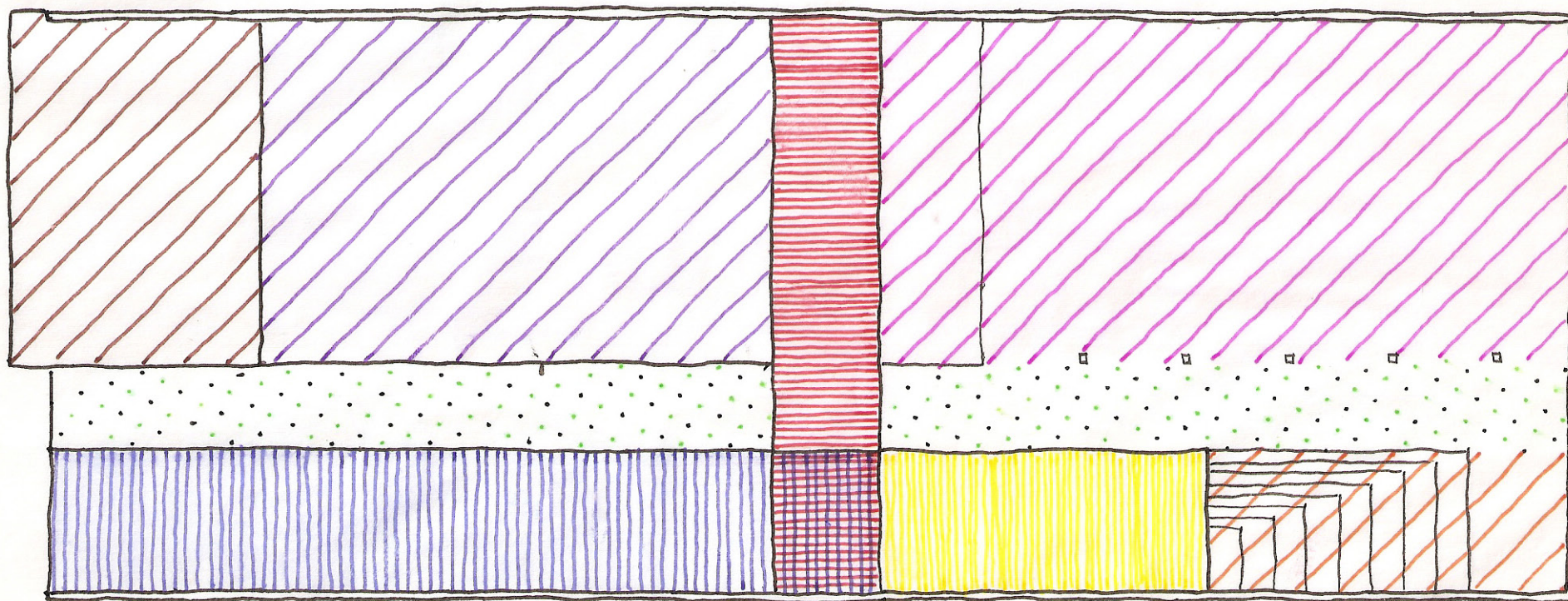
Lote vizinho de mesma
propriedade, a ser anexado











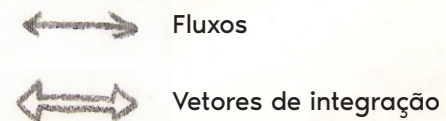
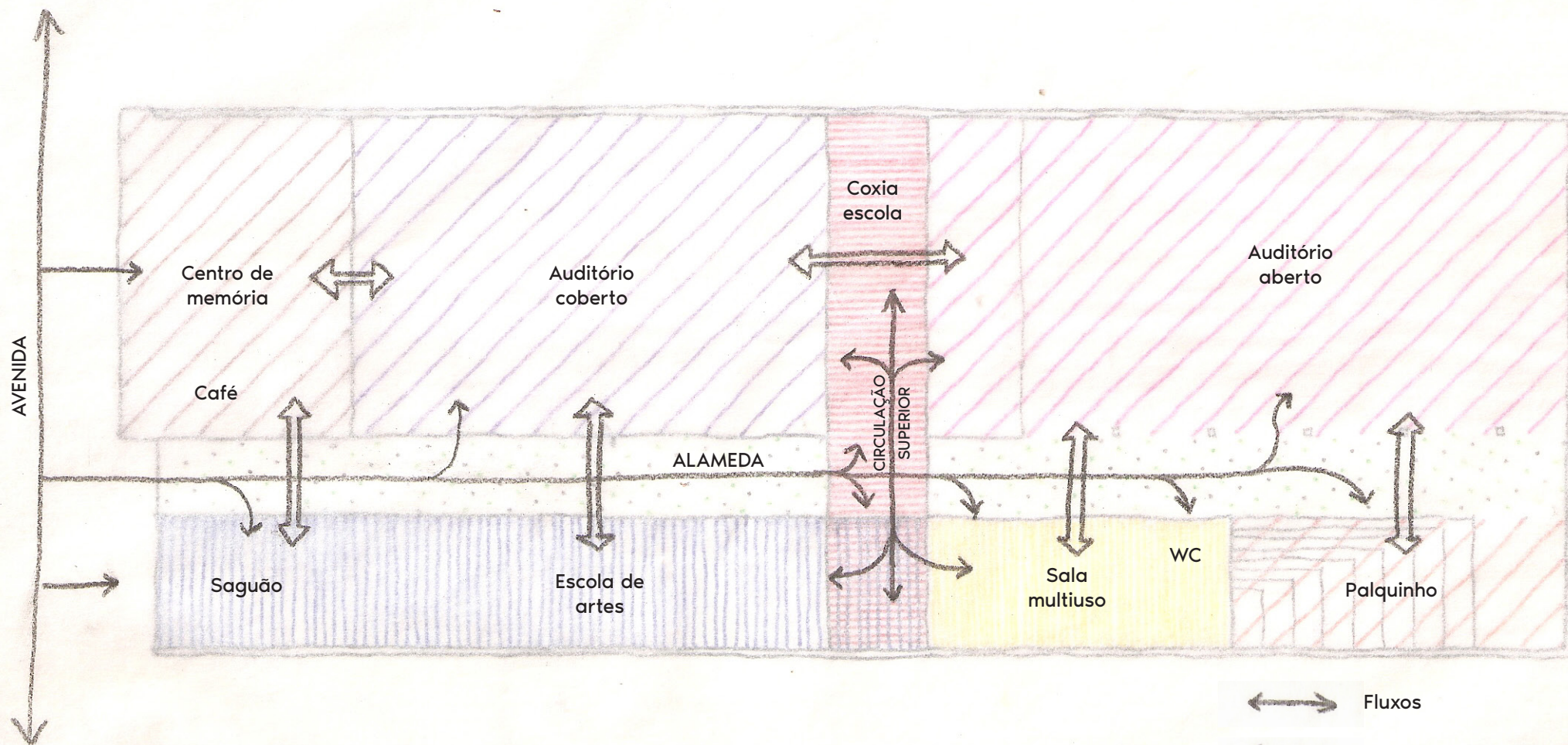
Prédio existente a ser demolido

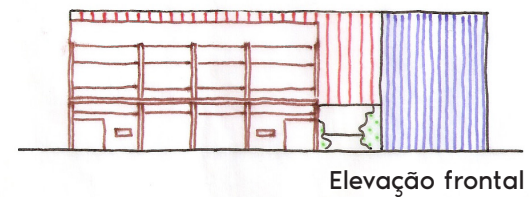
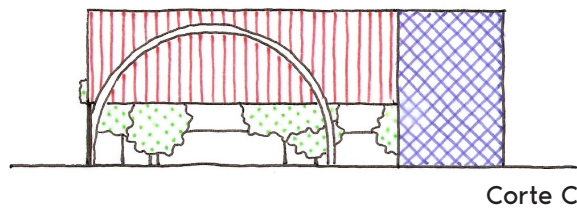
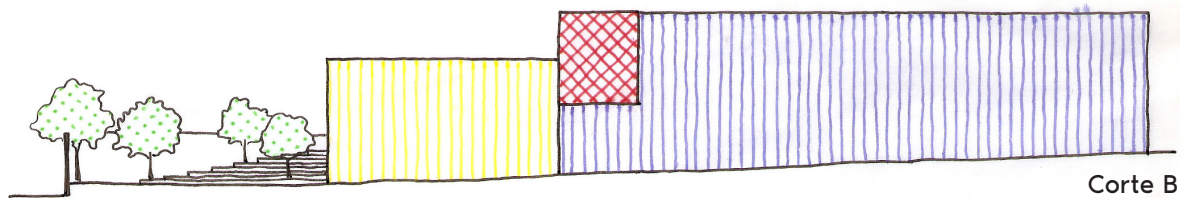
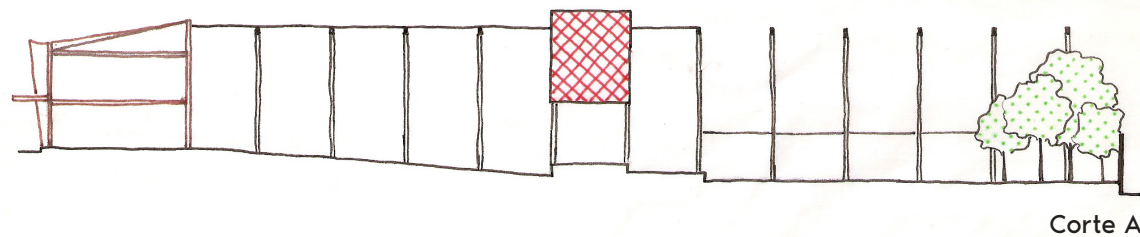
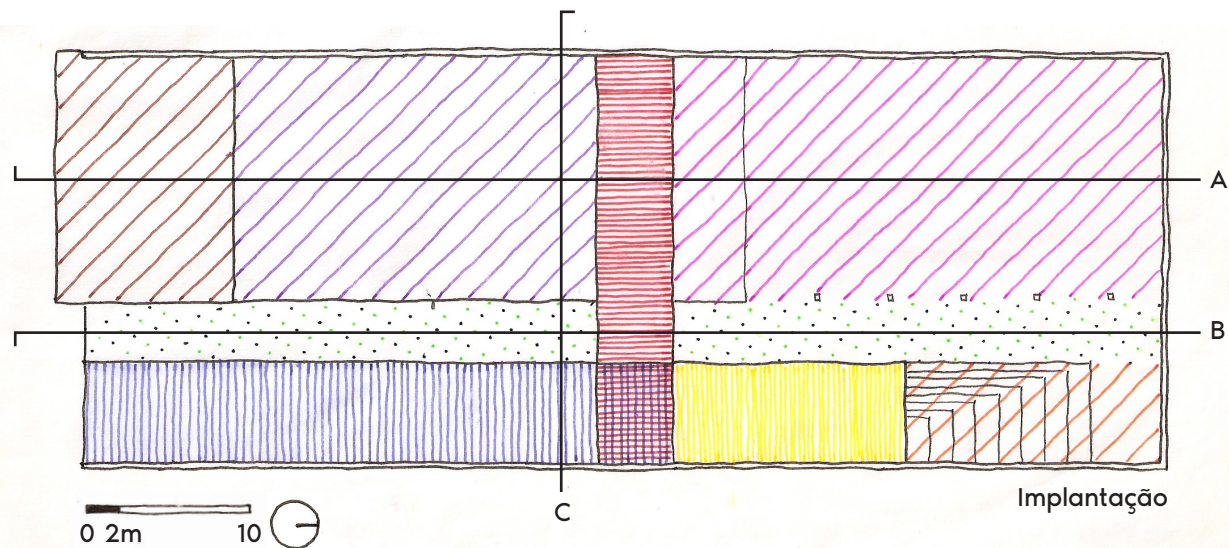


Fundos de lote vizinhos
desocupados, a ser incorporados

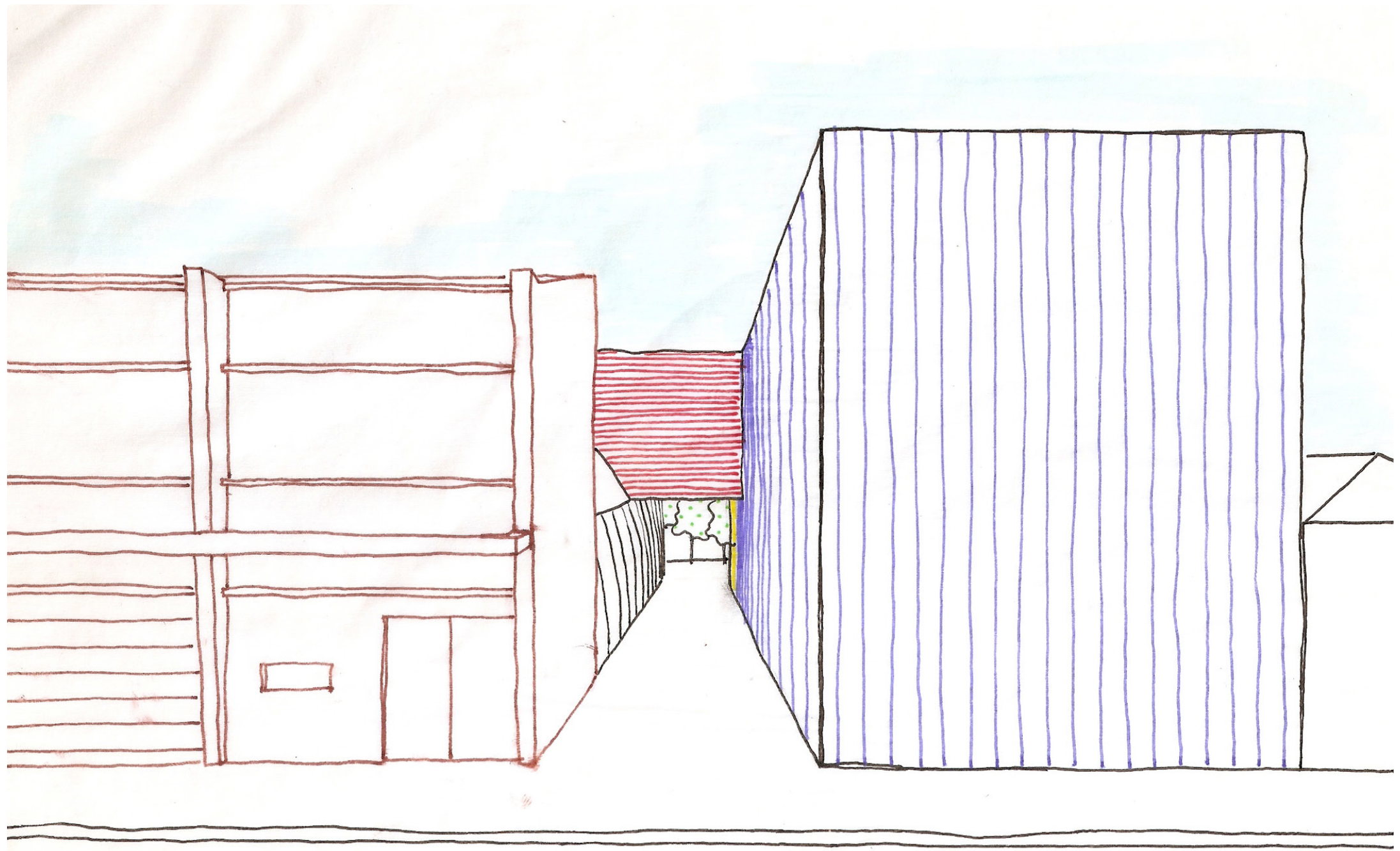


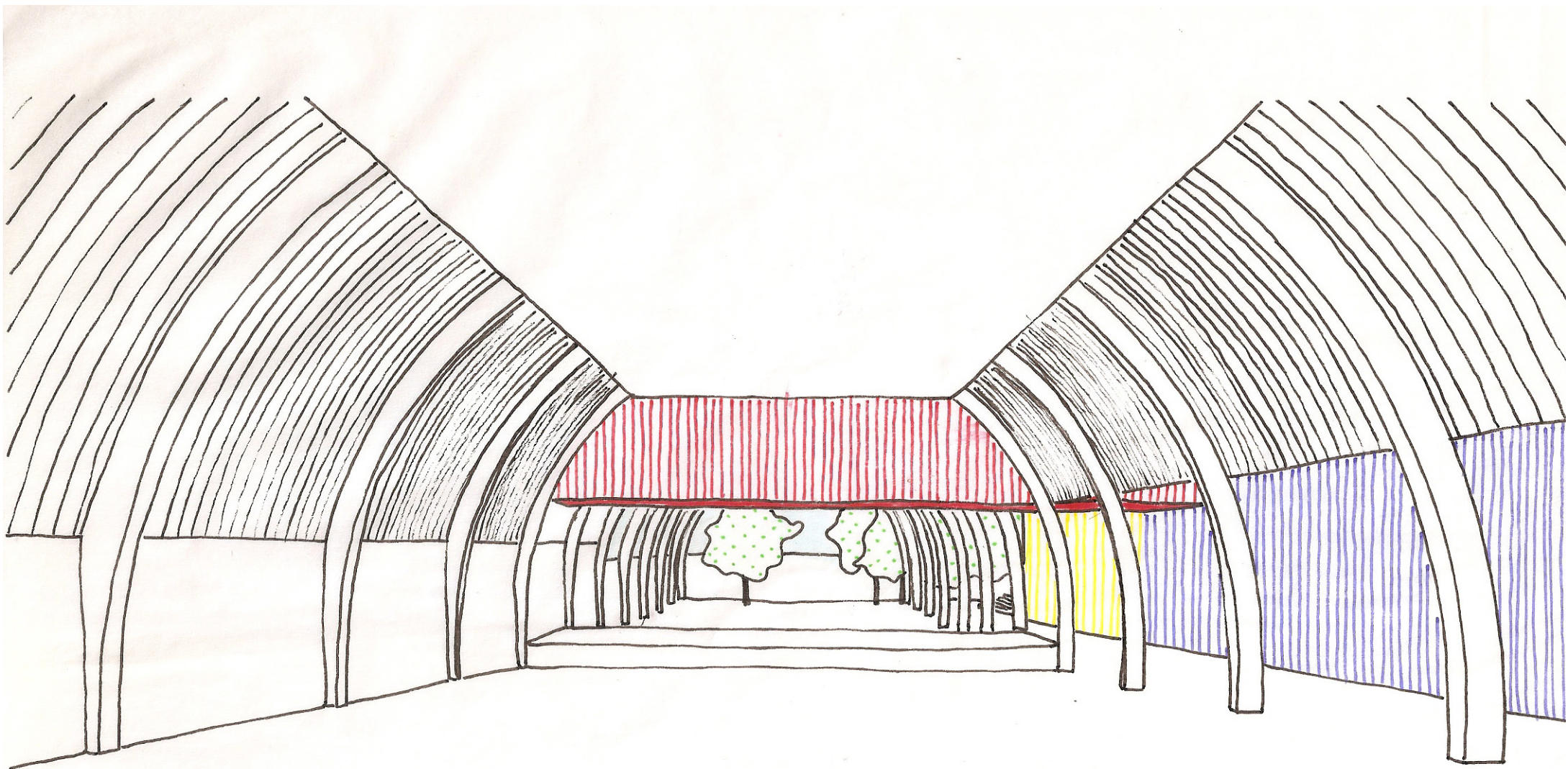
- | | | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
|  | Centro de memória |  | Escola de artes |
|  | Auditório coberto |  | Coxia escola |
|  | Auditório aberto |  | Sala multiuso |
|  | “Palquinho” |  | Alameda |

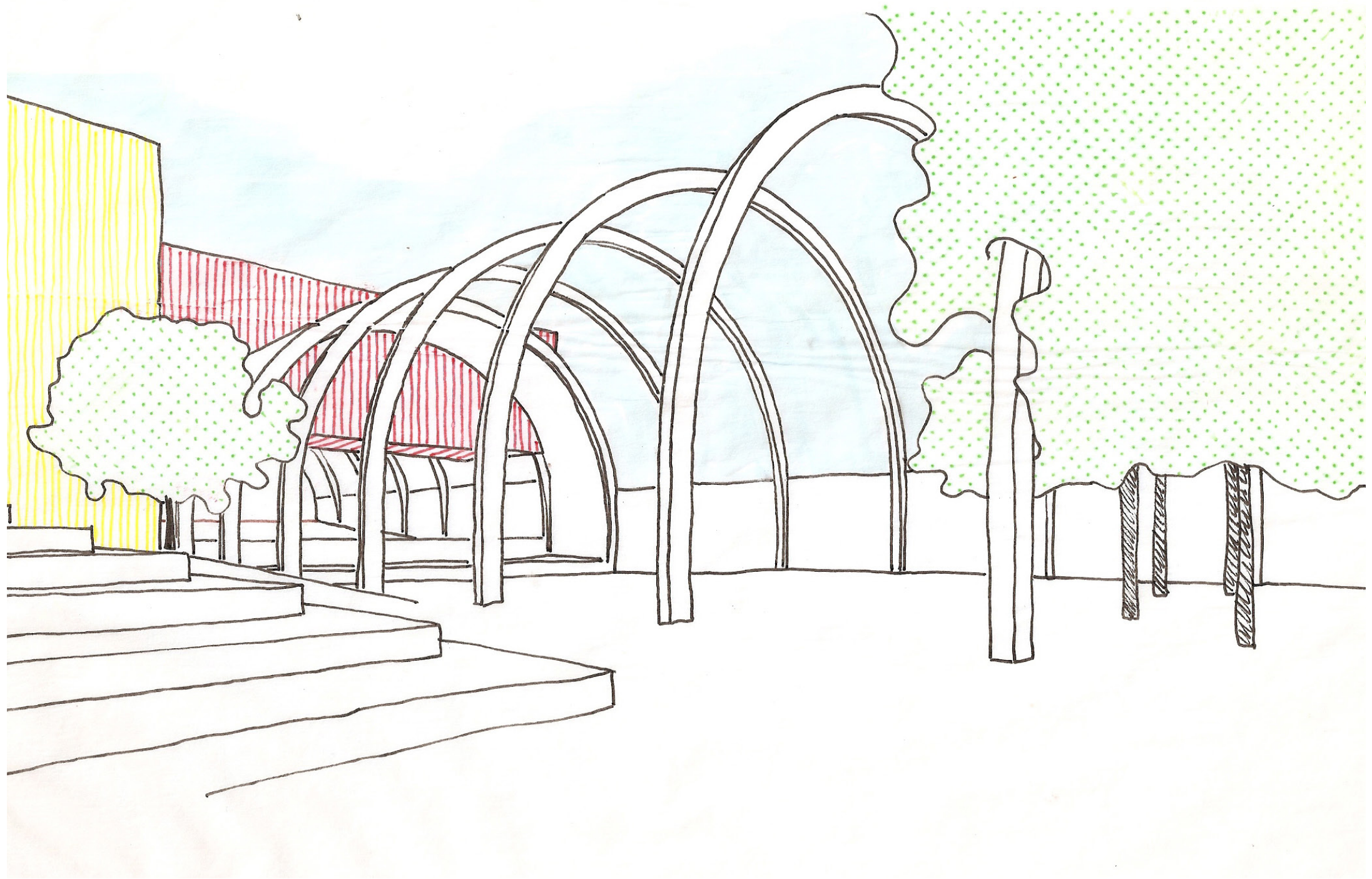


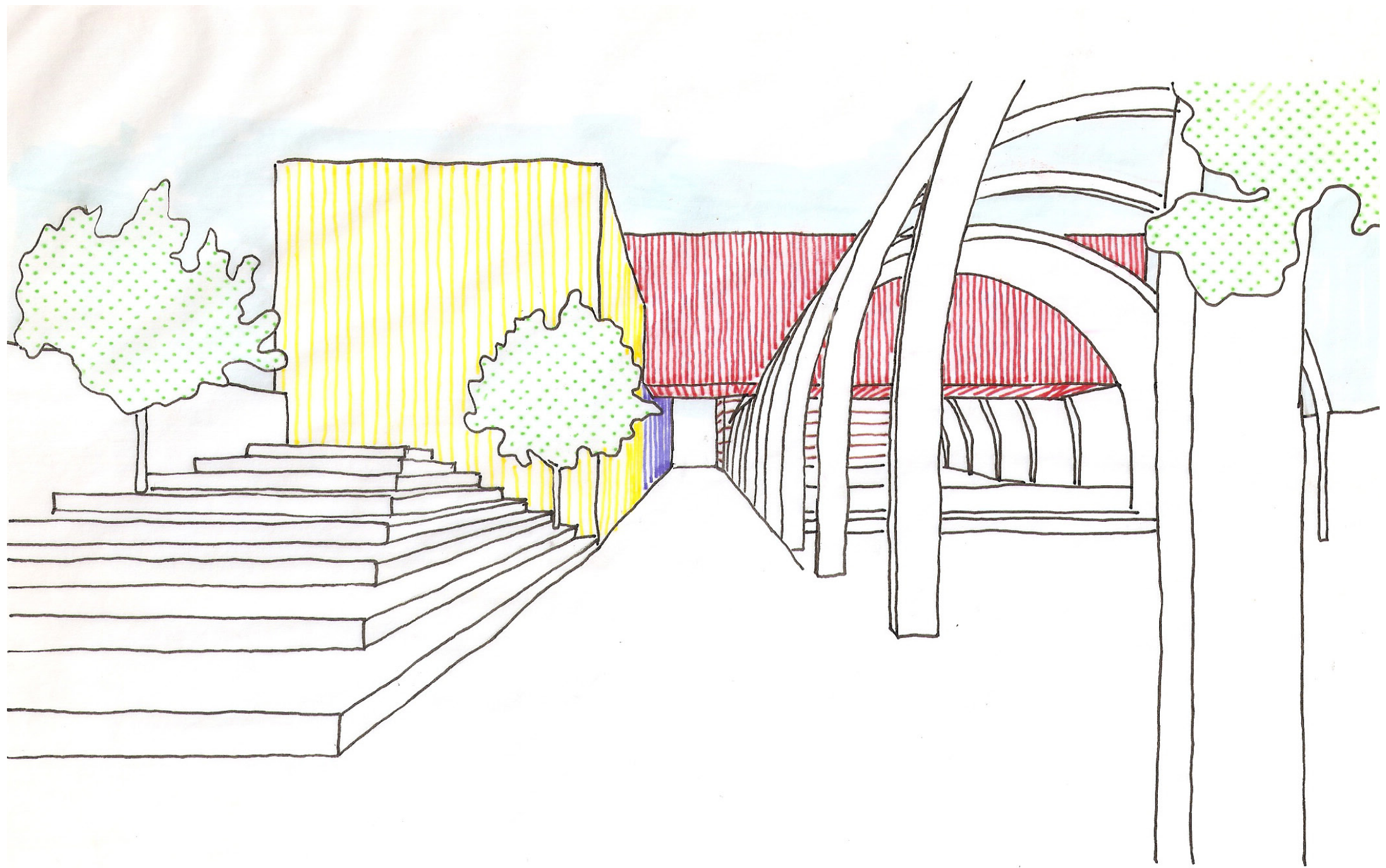


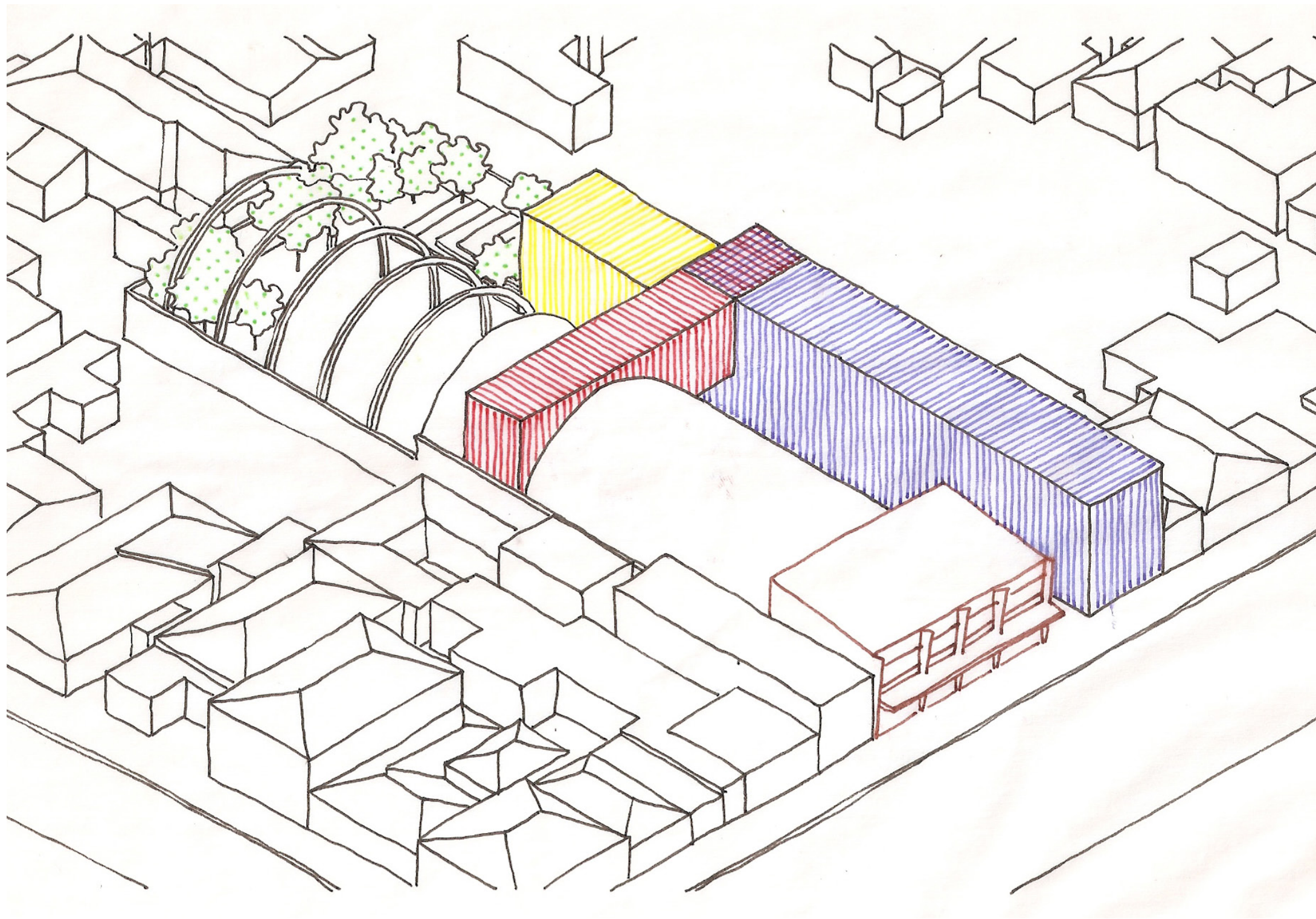








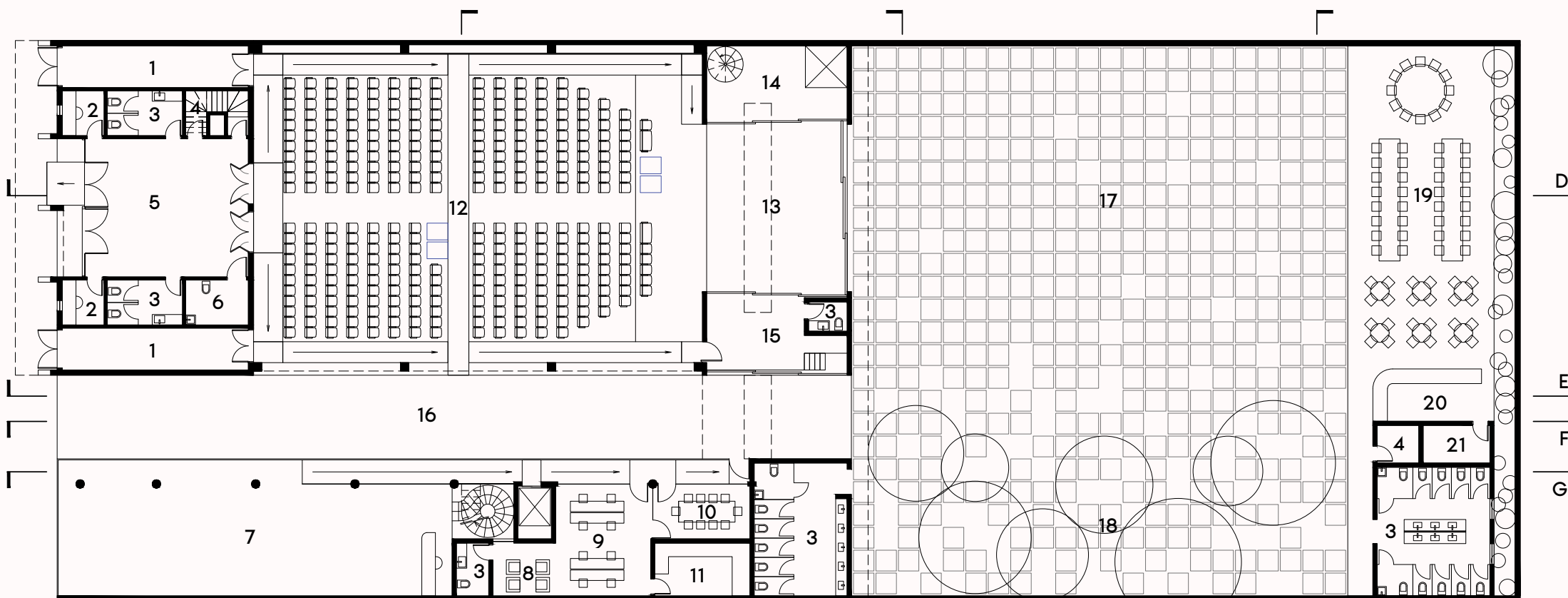




Projeto

O formato de desenvolvimento de projeto disposto para este trabalho propunha um exercício dividido em dois momentos. No primeiro, a prática de leituras do espaço urbano e regional, bem como da história local, permitiram a criação de um anteprojeto que já articulava uma intervenção no local a partir de um programa pré-definido para uma questão proposta e debatida. No segundo, o amadurecimento das concepções trabalhadas nos primeiros meses ganha abertura para reconfigurar o projeto a partir de especificidades de morfologia, possibilidade técnica, implantação de linguagem, entre outros elementos que caracterizam a prática projetual posterior a um anteprojeto.

Desta forma, adiante apresenta-se o projeto final, no qual mais alguns meses de produção permitiram um aperfeiçoamento de seu programa e a finalização de um produto mais bem detalhado e coeso. O anteprojeto retratado anteriormente, portanto, não constitui um exercício protocolar ou descartável, mas contribui imensamente para a idealização de um projeto que, se em algum momento desvia da forma estabelecida a priori, não deixa de carregar em si a narrativa e proposta que desde o início norteiam o projeto.



1. Circulação

2. Bilheteria

3. WC

4. Depósito

5. Saguão

6. WC PNE

7. Sala multiuso:

Exposições

Recepção

Eventos

8. Estar

9. Administração

10. Sala de reuniões

11. Arquivo

12. Auditório

13. Palco

14. Sala técnica

15. Sala multiuso:

Camarim

Sala de criação

A

16. Alameda

17. Grandes eventos

18. Feiras

19. Espaço multiuso:

Atelier

Ensaios

Eventos

20. Café

21. Depósito café

C

B



0 1m 5 10

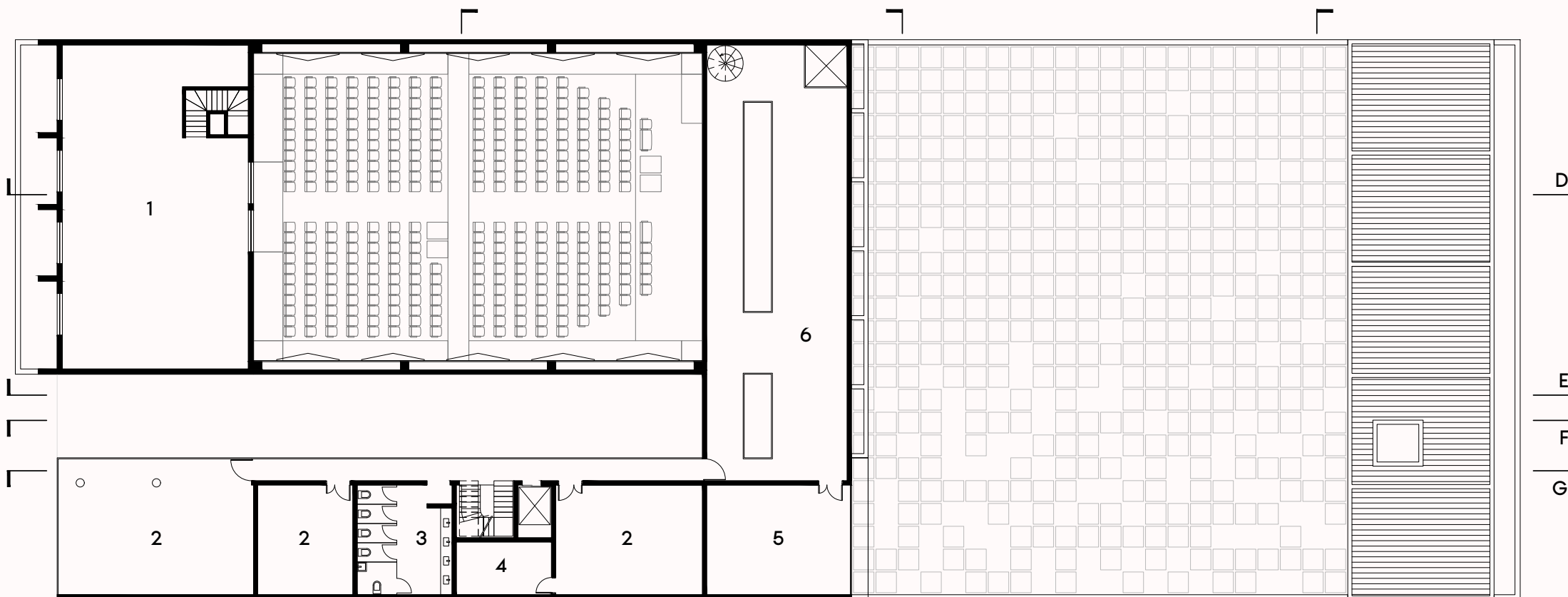
Térreo

D

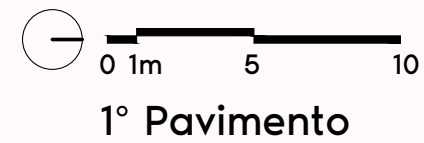
E

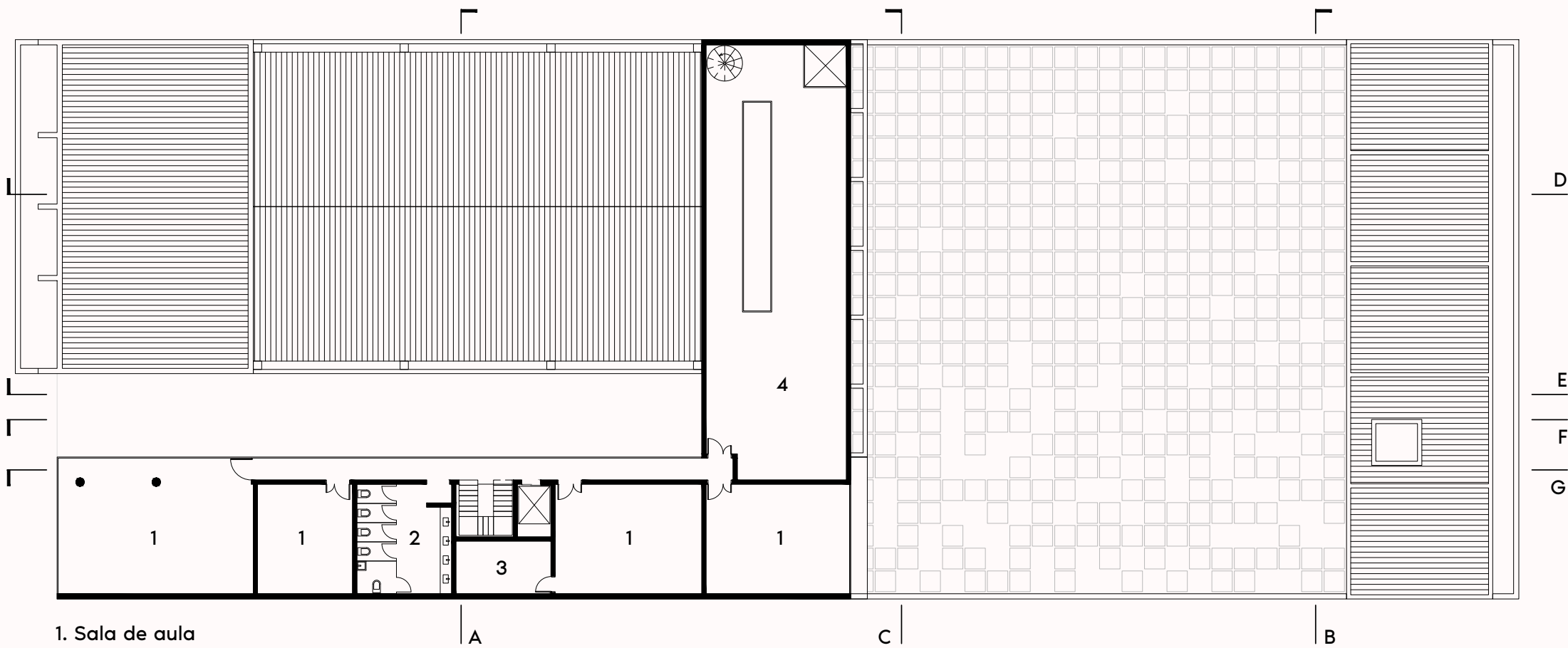
F

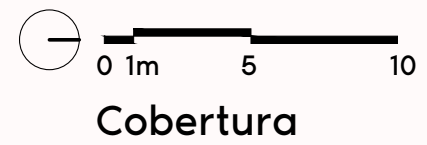
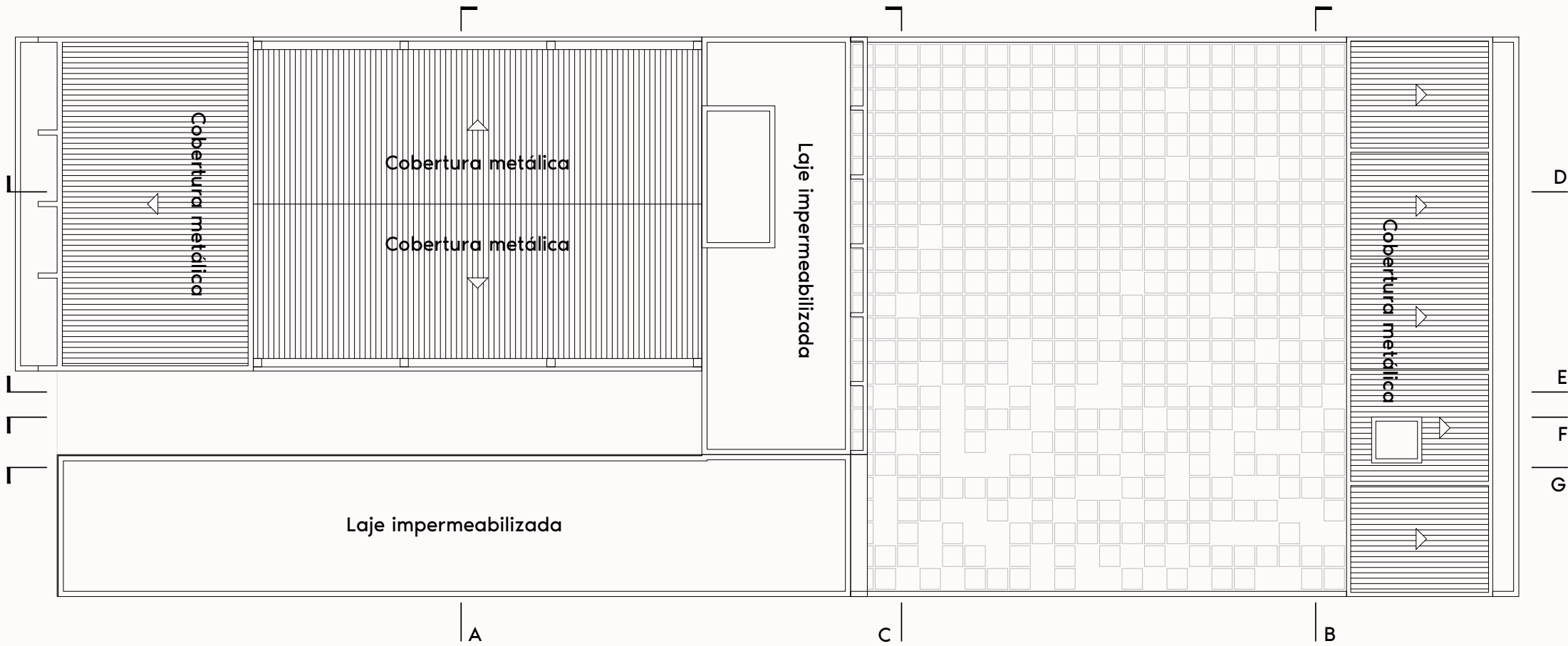
G

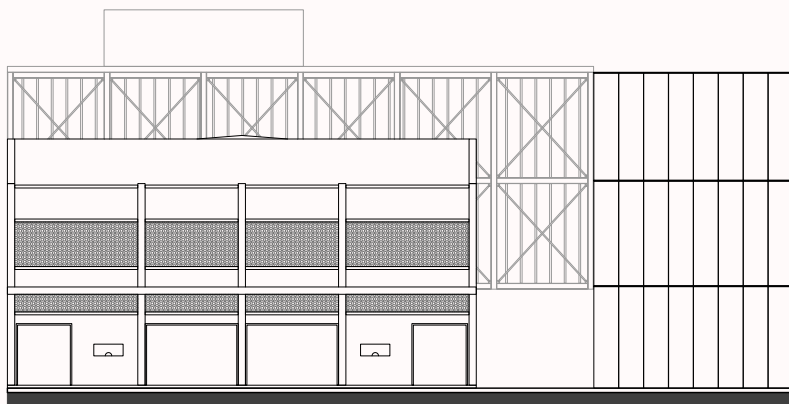


- 1. Sala técnica / Depósito
- 2. Sala de aula
- 3. WC
- 4. Depósito
- 5. Sala de aula
- 6. Oficina

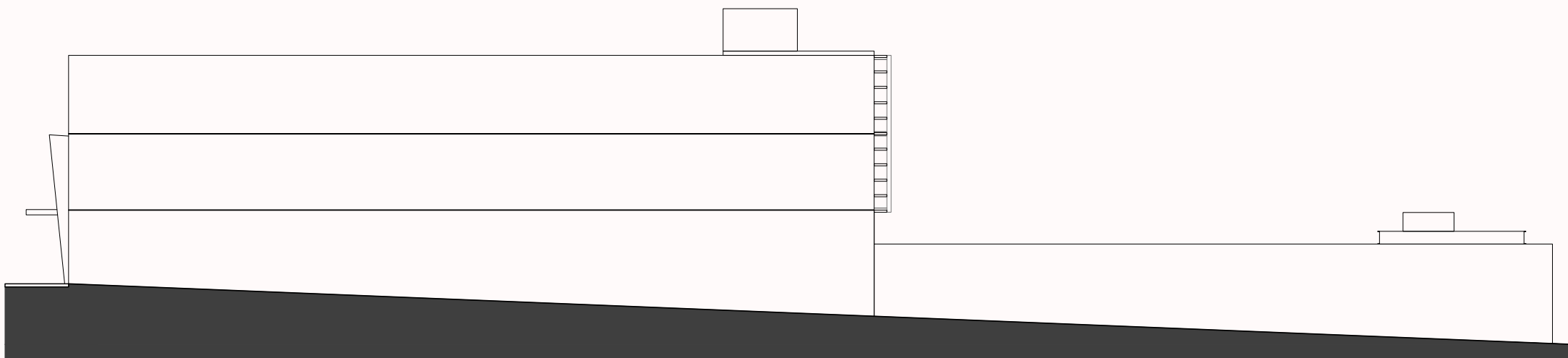








Elevação Sul

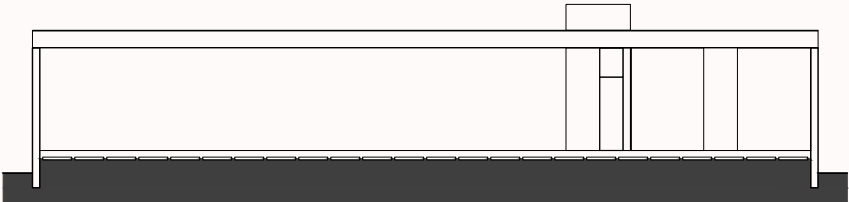


Elevação Leste

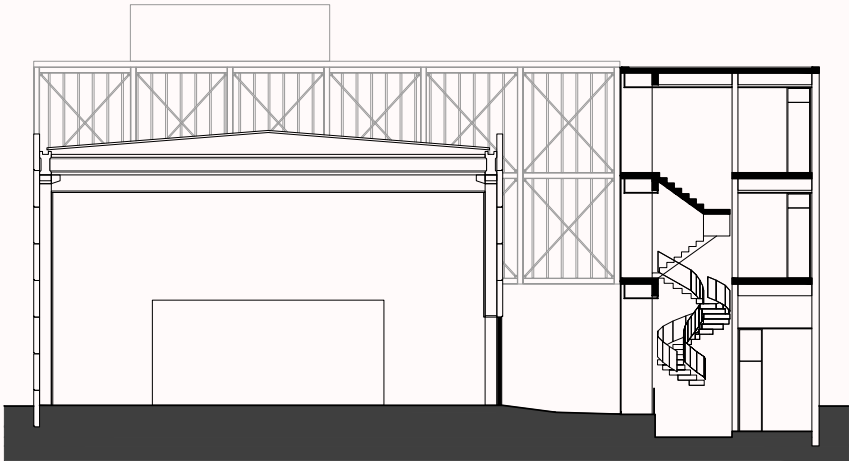
0 1m 5



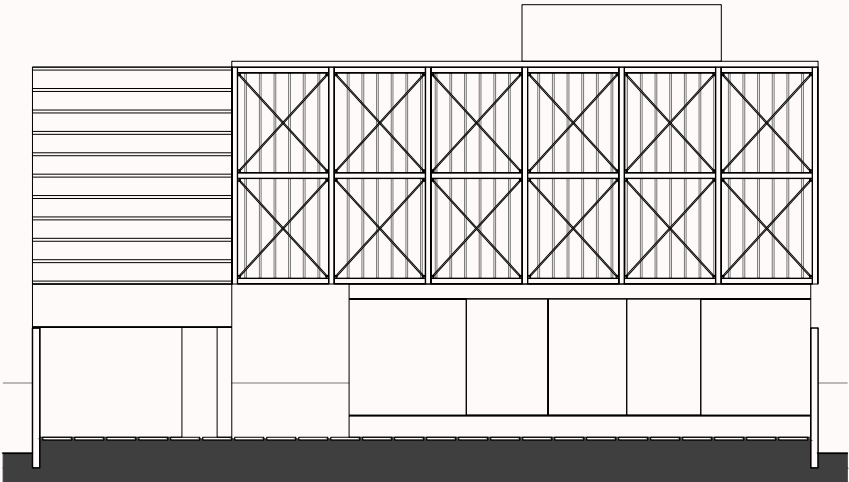
Elevação Oeste



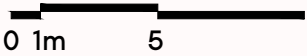
Corte B

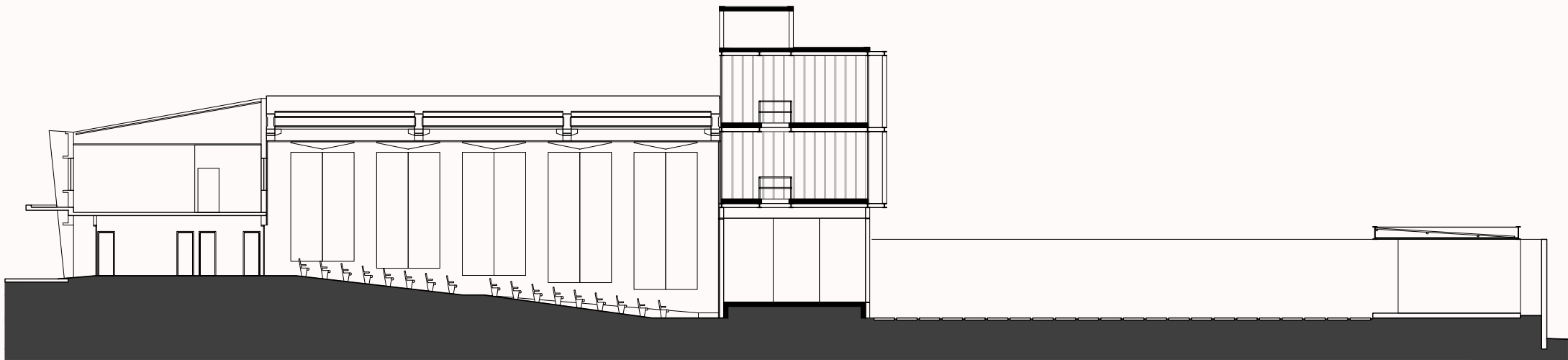


Corte A

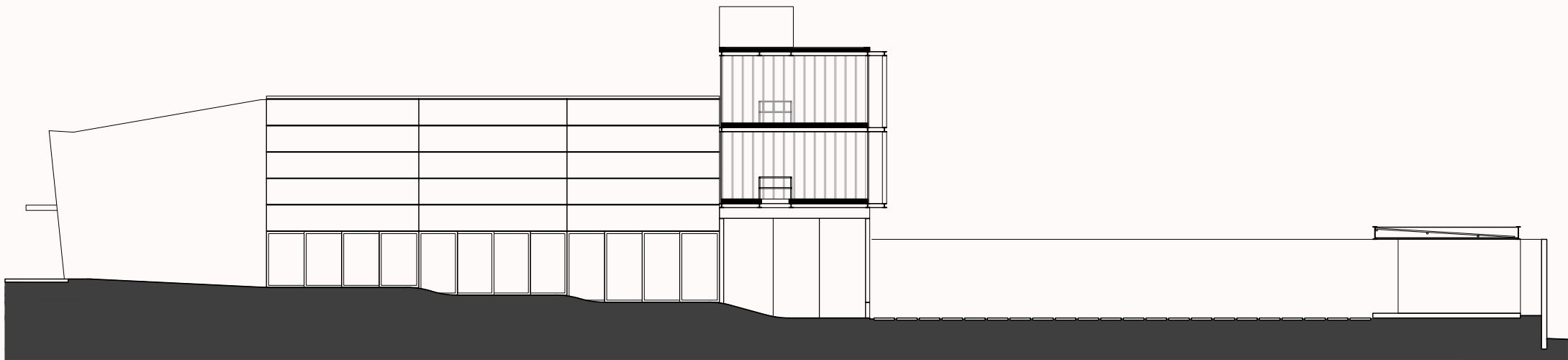


Corte C



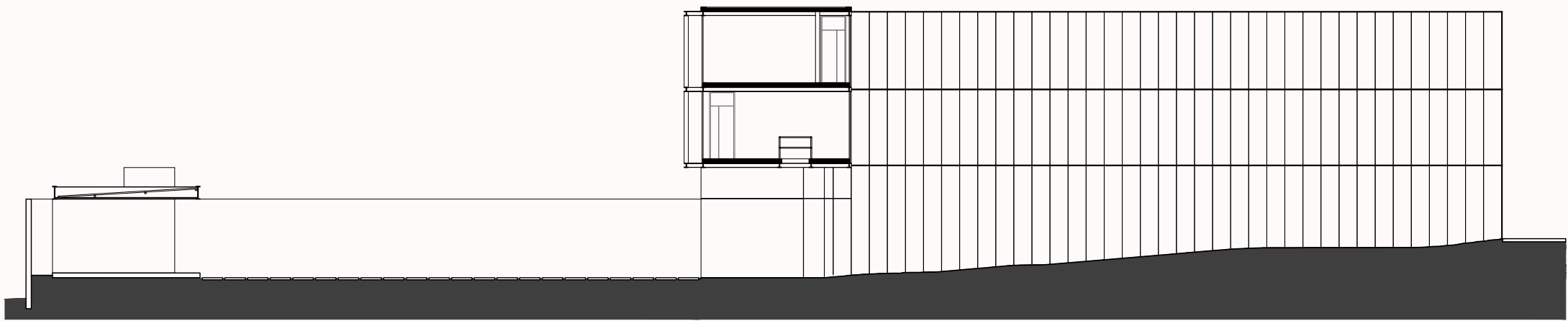


Corte D

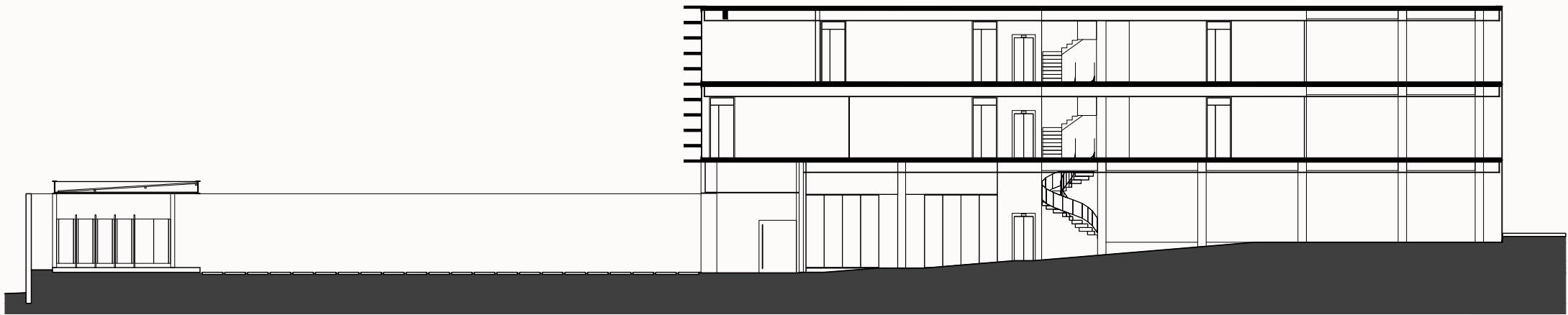


Corte E

0 1m 5



Corte F



Corte G

0 1m 5



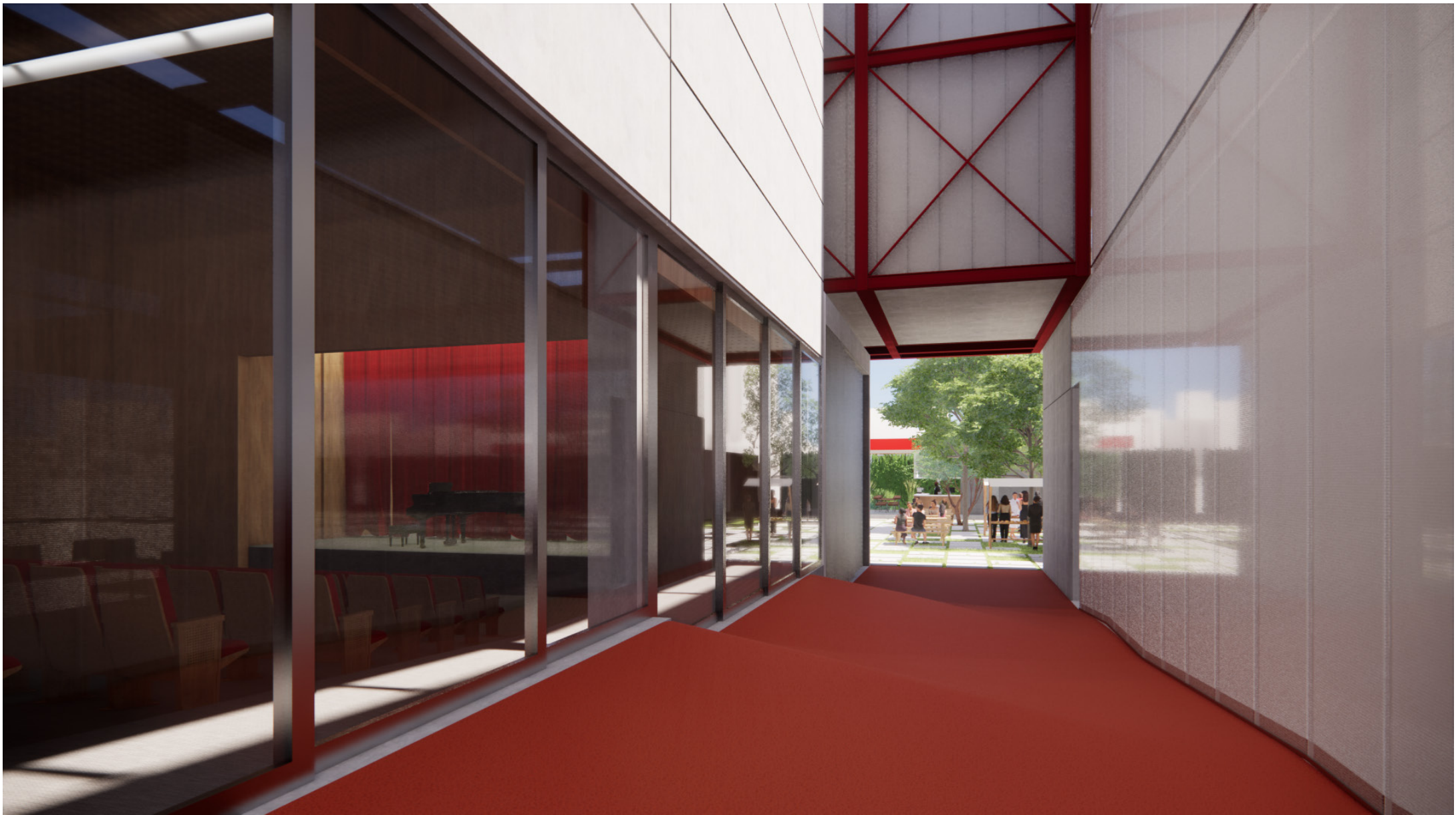
Fachada



Fachada



Fachada





Auditório



Auditório





Auditório







Espaço multiuso



Café



Espaço multiuso













Sala multiuso





Recepção



Sala multiuso







Sala de reuniões



Sala de aula





Fachada

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. 27 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FERREIRA, Jeová. Original História de Frutal. Frutal: Oficina de Artes Yara Lins e Intergraff Editora, 2002. 160p.

LAMOUNIER Ferreira, Terezinha. Respingos de História III. Frutal: Oficinas de Artes Yara Lins e Intergraff Editora, 2009. 170p.

MADRIÑÁN, María Elvira. Moravia sedujo a Rogelio Salmona. Proyectos, São Paulo, año 12, n. 134.03, Vitruvius, feb. 2012 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.134/4230>>.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. Numa velha fábrica de tambores. Sesc Pompeia comemora 25 anos. Minha Cidade, São Paulo, ano 08, n. 093.01, Vitruvius, abr. 2008 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>>.

São Carlos, Brasil
2023